



Campus Baixada Santista

Arte e vida: narrativas de memórias de vida de educadores sociais da ONG Camará

Beatriz Gomes Garcia

Santos/2013

Arte e vida: narrativas de memórias de vida de educadores sociais da ONG Camará

Beatriz Gomes Garcia

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal
de São Paulo (*Campus* Baixada
Santista), como parte dos requisitos
para obtenção do título de psicóloga.

Orientadora: Profa. Dra. Jaquelina Maria Imbrizi

Co-orientadora: Profa. Dra Samira Lima Costa

Santos

Fevereiro, 2013

G215	<p>Garcia, Beatriz Gomes – 1989 Arte e vida: narrativas de memórias de vida de educadores sociais da ONG Camará Beatriz Gomes Garcia – 2013</p> <p>102f. : Il. color. ; 30cm.</p> <p>Orientadora: Profª Jaqueline Maria Imbrizi Co-orientadora: Profª Samira Lima Costa Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, 2013.</p>
Imbrizi	<p>1. Memórias de vida 2. Educadores Sociais 3. ONGs no Brasil 4. Arte 5. Trabalho. I. Profª Jaqueline Maria /Profª Samira Lima Costa. II Arte e vida: narrativas de educadores sociais da ONG Camará.</p>

Ficha catalográfica. Biblioteca UNIFESP, campus Baixada Santista.

Arte e vida: narrativas de memórias de vida de educadores sociais da ONG Camará

Beatriz Gomes Garcia

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal
de São Paulo (*Campus Baixada
Santista*), como parte dos requisitos
para obtenção do título de psicóloga.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR _____

Profª Drª Jaquelina Maria Imbrizi

CO_ORIENTADORA _____

Profª Drª Samira Lima Costa

EXAMINADOR _____

Prof Dr Conrado Augusto Gandara Federici

Santos
Fevereiro - 2013

*“Liberdade, liberdade!
Abra as asas sobre nós
E que a voz da igualdade
Seja sempre a nossa voz”
(Samba Enredo Imperatriz Leopoldinense – RJ, 1989)*

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?
(Carlos Drumond de Andrade)*

Agradecimentos

Esta colcha de retalhos é produto do trabalho de vários artesãos, todos preocupados com o processo de tecelagem e com a boniteza da colcha final. Ao olhar para trás hoje, depois de cinco anos de estudo e de vários meses utilizados na produção de tal peça, é com carinho que me recordo dos muitos braços e abraços que são parte desta história, uma memória importante em minha vida. É muita gratidão: muita gente fez a diferença, me colocou em movimento e ganhou meu coração; pretendo, neste espaço, dedicar-lhes algumas palavras, de agradecimento e de carinho. Como aluna, artesã, estudante, filha, amiga, companheira, e em-breve-psicóloga que fui, sou e serei, há tantos anos em formação e com muito ainda para formar, há de se esperar que os agradecimentos sejam feitos com esmero.

Início os trabalhos com aquelas que permitiram o nascimento desta pesquisa que é lida no presente momento: professoras Jaquelina e Samira. Com carinho, paciência, zelo e sabedoria, me guiaram neste universo da construção de projetos, e por sua sensibilidade, prontidão, eficiência – e por todo o resto, incabível em palavras – eu agradeço. É com alegria que vive o desejo de tê-las em minha vida, e com orgulho apresento esta nossa composição, tecitura de tantas mãos.

Sou grata, de toda forma e jeito, aos meus familiares: minha mãe, meu pai, irmã e avó. E ao meu avô, que partiu deste mundo satisfeito com minha entrada na universidade, e que verá meu diploma, mas de um outro jeito – lá de cima. À eles, sou grata pelo carinho, pela compreensão, pela paciência, por todo apoio e suporte; por me

permitir viver, experimentar meus sonhos e ser tão feliz. Obrigada, meus amores, por serem parte de mim e por me amarem tanto. Ser amada é uma delícia!

Ao meu querido, que acreditou em mim quando nem eu mesma acreditava, fica a promessa e o compromisso. Por todos os dias e por tudo que construímos, e por ser você, obrigada.

E quando a gente encontra amigos onde menos esperava, a brincadeira fica séria, porque é pra vida toda. Tem gente que entende a gente no olhar, que termina nossas frases, e que nos ama, simplesmente por amar. Porque amor é isso, é generosidade, compreensão e um tanto de desentendimento – essa é a verdade da relação: a perfeição que existe, quando é imperfeita. Meus queridos Matheus, Amanda e Rebeca, melhores lembranças da minha graduação, levarei vocês para a vida.

É gratidão que não acaba mais, mas ainda cabe no papel. Vivi, durante a graduação, duas experiências de estágio, e ambas descortinaram mundos para mim. A ONG Camará merece algum destaque: lá conheci pessoas, modos e maneiras, cores e sons, vidas e mais vidas, e conheci arte. Viviane, João, Álvaro, Valéria, Fernando, Camila, Laila e tanta gente mais! Crianças e adultos, moças e moços, sou grata a vocês por estar por perto, por estar junto, por me permitir fazer parte e pela acolhida verdadeira que ali encontrei. Espero conseguir, com este trabalho, disparar bons ventos. À SECERPA, campo de estágio de quinto ano, também sou grata, pela intensa convivência e aprendizado, e pelas amizades que levarei para a vida: Érika, Lourdes, Eliana, Elaine, Cíntia, Thiago, Cláudio, Zélia, Gabi, Ariana, Fernanda, Paula, Lumena, Giza, Milene, Débora e Júnia. Vocês são incríveis!

Em especial, deixo registrado meu muito obrigada aos dois narradores deste trabalho de conclusão de curso. Obrigada por me permitirem narrar suas histórias, conhecer mais de perto suas vidas e pela confiança; este trabalho existe por e para vocês.

À todos aqueles que não estão aqui, mas que foram parte de minha graduação, um muito obrigada por ter me acompanhado até o fim desta jornada. Termino a graduação rodeada de pessoas incríveis, e com o sonho de ser uma profissional sensível e atenta, comprometida e ética.

Forte abraço para vocês!

Bia
06/02/2013

Resumo

A partir da experiência de estágio na ONG Camará (São Vicente/SP), nasceu o desejo de compor este trabalho de conclusão de curso, a partir do que se viu e viveu entre as paredes coloridas da casa desta ONG. Assim, este trabalho teve o objetivo de narrar memórias de vida de educadores sociais da ONG Camará, a fim de compreender a relação que se construiu entre suas vidas e sua prática profissional atenta e sensível, desenvolvida com populações em situação de vulnerabilidade social. As justificativas para a construção de tal trabalho se dá pela crescente ação de educadores sociais no terceiro setor, em composição com políticas públicas, com populações em situação de vulnerabilidade social. Também, se justifica pelo compromisso da universidade com a comunidade e pela possibilidade de que narrativas venham a ser instrumentos de fortalecimento da discussão sobre a importância dos trabalhos desenvolvidos em ONGS que se posicionam como espaço de exercício e busca de garantia de direitos. Para a elaboração de tal trabalho, adotamos o método qualitativo em pesquisa por meio da produção de duas narrativas de memórias de vida, escritas a partir de encontros com cada educador social convidado a narrar sua trajetória de vida. Depois de prontas, as narrativas foram tomadas como objeto de análise a partir dos referenciais teóricos sobre trabalho, arte e formação de educadores sociais, constituindo esta colcha de retalhos que aqui se apresenta.

Palavras-chave: Memórias de vida; Educadores Sociais; ONGs no Brasil; Arte; Trabalho.

Abstract

Over the internship experience in NGO Camará (São Vicente / SP), emerged the desire to compose this course completion's essay from what was seen and lived between the colorful walls of the NGO's house. Thus, this paper has the purpose to describe the NGO Camará educators life memories to comprise the relationship that was built between their life and their professional attentive and sensitive practice developed with populations living in vulnerable situations. The reasons to construct this thesis are based on the growing of the social educators actions in the third sector, combined with public policy, and populations in social vulnerable situations. Also, this is justified by the university's commitment to the community and by the possibility that these narratives maybe will become instrument of reinforcement for discussions concerning the importance of the work accomplished in NGOs positioned as space for exercise and pursuit of the warranty rights. For the preparation of this paper, was adopt the qualitative research method through the elaboration of two life memories narratives written from encounters with each invited social educator told his life trajectory. Once prepared, the narratives were taken as analysis objects from the theoretical references about work, art and social educator training, resulting in this patchwork here presented.

Keywords: Memories of life; Social Educators; NGOs in Brazil; Art; Work.

Índice de capítulos:

1. Apresentação	página 11
2. Introdução	página 15
3. Objetivos	página 27
4. Método	página 29
5. Expectativas da pesquisa.....	página 32
• Capítulo 1: Educadores Sociais: História, arte e vida.....	página 33
• Capítulo 2: ArteNarrativas	
1. Ele.....	página 49
2. Ela.....	página 63
3. Análise: ArteNarrativas em Debate.....	página 73
• Considerações Finais: Arremates.....	página 84
• Referências Bibliográficas.....	página 87
• Anexos.....	página 90

“Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
Ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralise os negócios,
Garanto que uma flor nasceu.”
Carlos Drummond de Andrade

1. Apresentação:

Como uma colcha de retalhos este trabalho se produz.

Uma boa artesã sabe o tempo e a dimensão do que é fazer um trabalho assim. Uma colcha de retalhos leva tempo para ser costurada, composta; é, então, gestada. Cada retalho, deste grande todo, tem seu valor: uns são mais coloridos, outros mais escuros, há os preferidos e os indiferentes; a colcha não se materializa sem a presença de todos. Cada retalho é um encontro, uma experiência, um aprendizado. Minha colcha, fruto de mais de cinco anos de estudos, oportunidades, esforço e vivências, é bonita e brilhante, foi acalentada, trabalhada e desejada em cada ponto. Neste grande todo, há um belo tecido doido, psicodélico e ao mesmo tempo clássico, lindo e grotesco: é a Psicologia.

Nem sempre é fácil unir um pano aos outros, é preciso trabalhar bem as fronteiras. Porém em algumas vezes, a gente até esquece que é trabalho, tamanha beleza e satisfação que o resultado vai aos poucos mostrando. Esse tecido doido, parte grande de minha colcha, tem várias imagens, personagens importantes. Alguns, tive a honra de cursar seus módulos durante a graduação, foram meus ilustríssimos professores; outros, têm notoriedade reconhecida, grandes pensadores que emprestaram um pouco de sua obra para inspirar a formação de tantos outros além de mim. A todos eles, sou grata pelo brilho, intensidade e imensidão de seu trabalho, que direcionaram um pouco do que venho a pensar e da colcha a ser composta.

Sempre artesã, várias vezes aluna; vivi durante a graduação alguns módulos que ficarão para sempre comigo. São pregas em minha colcha, pregas minhas: marcaram o corpo, marcaram a alma, agora marcam o papel. Abro alas com dois dos que mais gostei, *Psicologia Social e Trabalho* e *Psicologia, Ideologia e Cultura*, ambos módulos ministrados por minha até então professora, hoje orientadora e co-artesã, Jaquelina Maria Imbrizi. Nestes módulos, tive oportunidade de me aproximar de temas que me intrigavam há tempos apesar do pouco contato, e que fizeram sentidos que, ainda, se constroem em conceitos. Li, discuti e refleti grandes nomes da história do marxismo e do capitalismo, nomes estes que me auxiliaram a re-pensar o modo como enxergo a sociedade e as relações humanas. Passaram os anos, e os módulos, ficaram os principais conceitos e outras formas de pensar e sentir a vida, e um dos resultados de tal vivência é esta colcha que se tece agora.

Artesã que sou, não posso deixar de lado uma linha que tanto já uniu e costurou. O módulo de Psicologia e Educação, ministrado pelos professores Marcelo Roman e Emílio Nolasco de Carvalho, trouxe novas ideias não apenas sobre ensino e escola, mas sobre educação, sociedade, História e cultura, transbordando conceitos em saberes marcados na carne. Nunca mais, desde então, foi possível pensar o mundo, as relações sociais e a educação da mesma forma; tal linha deu liga a muita discussão e a muitas inquietações, e com graça fez pontos nesta colcha que nascerá.

Outros grandes tecidos, ainda partes desta colcha a ser composta, são a bela trama que constitui a extensão universitária da qual fiz parte, cujas mil cores trazem a busca pelo estudo da relação entre Direitos Humanos e Educação, e a renda graciosa que foi a

entrada em campo de estágio, na ONG Camará, bela renda essa a qual eu me rendi, sou também camarada.

Meu estágio na ONG Camará abriu portas e janelas, derrubou paredes sólidas e me colocou em um turbilhão. Construí, então, uma bela sacada, onde fui artista, artesã, educadora, amiga, psicóloga, aluna,icineira, oficineira: fui mil-em-uma, sou uma aqui e outra ali. Lá, aprendi, ensinei, me emocionei, recuei, tentei de novo, fui e voltei. Na ONG Camará há muitos atores e muitos papéis, e há também muitos cenários. Em meu estágio, vários educadores são artistas, criam o enredo e produzem cenas belas: quem vê se emociona.

Não há ONG Camará sem público-alvo, e aqui me refiro a crianças, adolescentes, jovens, adultos. Famílias inteiras são bem-vindas à nossa casa, são a causa de nosso trabalho e nosso esforço, são por quem e com quem lutamos e o porquê de tal organização existir. Vejo essas pessoas, mais do que como profissional ou como alguém que leu autores que falavam sobre a situação de vulnerabilidade, mas como quem realmente enxerga todas essas pessoas, as abraça, conversa com elas e sabe de suas vidas, suas artes, se interessa. São todos, de certa forma, tecidos meus, partes luminosas de um brilho não tão óbvio, cada um com seus cantinhos e seus caminhos.

Minha colcha trará conceitos que, com o passar dos anos de graduação, foram tecidos importantes para mim. Parte da trama será uma discussão sobre construção social, vida em sociedade, coletivo, singular e cultura, articulando tais elementos à história de vida, e aqui além de artesã, assumo papel também de narradora, de alguns artistas, camaradas

meus, que com magia e maestria têm transformado vidas, após terem tido as suas também transformadas.

A introdução deste trabalho tratará da construção de um arcabouço teórico com assuntos pertinentes, colocando em discussão temas que permeiam a vida e a História, como trabalho e arte. Ainda, trará também o modo de preparo desta colcha, explicitando como fazê-la e o porquê de tal produção.

O capítulo intitulado *Educadores Sociais: história, vida e arte* apresentará a discussão sobre o que são educadores sociais que atuam em ONGs, sobre o histórico de ONGs que formam seus próprios educadores, sobre o trabalho destes educadores sociais, o lugar da ONG e o deste trabalho, nessas instituições, na trajetória de vida dos educadores. Pretendo pensar este educador em suas articulações com a sensibilidade social, o trabalho e a vida como obras de arte.

O capítulo intitulado *ArteNarrativas*, as narrativas de educadores sociais e sua análise a luz dos autores e conceitos pesquisados serão apresentados, tais como sua relação com trabalho e significado, relações sociais, vida em sociedade, organização política, direitos e legislação, entre outros. E, nas considerações finais, é tempo de fazer os arremates de tal colcha, narrando a trajetória da pesquisa e traremos as articulações entre os objetivos propostos e os dados produzidos.

É tempo de começar tal tecitura.

2. Introdução

É fato presumido que vivemos em uma sociedade desigual. Marx apontou para essa situação em sua obra *O Capital* (1867/2010), que desde sua publicação vem construindo e compondo novos modos de pensar e refletir os modos de produção e o mundo do trabalho, a partir de críticas sobre economia e política.

Vários provérbios estão na boca do povo há muitos anos, e mostram um pouco como a sociedade se organiza. Eles passam de geração em geração, e há quem acredite em sua verdade, sendo considerados ditos de sabedoria e de conhecimento popular. São alguns deles: “de cavalo dado, não se olha os dentes”; “de graça até injeção na testa”; “pé de pobre não tem tamanho”; “Deus ajuda quem cedo madruga”; “de grão em grão a galinha enche o papo”; “antes um pássaro na mão do que dois voando”, “manda quem pode, obedece quem tem juízo” entre muitos outros ditos e repetidos, ensinados e aprendidos. Eles apontam não somente uma desigualdade social, mas o lugar ocupado pelas diferentes classes sociais em confronto, no qual há uma que domina e outra que se submete. Ainda, há traços de superação em tais frases, projetando nos sujeitos as possibilidades de crescimento de classe e transposição da situação em que se encontram. Para pessoas de classe social média e baixa, essa possibilidade de transposição de classe não é real, mas apenas existe como estímulo para o trabalho – porém, por mais que o sujeito trabalhe, ele sempre vai precisar trabalhar mais, e ainda assim, parece que a culpa por sua situação (pobreza ou miséria, ou ainda o fracasso) é sua; não há chances reais de ascensão social, apenas de manutenção de uma realidade vivida e repetida em família e em comunidade.

Viviane Forrester, na obra *O Horror Econômico* (1997), aponta para essa questão de modo bastante singular. Em sua discussão, a autora assinala a existência de estratégias políticas para perpetuar o trabalho como algo imperecível, cuja necessidade nunca é questionada, de modo que o trabalho é “entidade desprovida de substância” (página 7), uma vez que pessoas não compreendem sentidos e porquês do trabalho, mas aceitam trabalhar e, mais do que isso, constituem uma relação de tamanha profundidade com o trabalho que chega a ser visceral, tanto em termos de prazer quanto de sofrimento.

Ainda segundo Forrester (1997), essa necessidade de manter o trabalho como essencial à vida é um mito que se deseja manter. Assim, mesmo que famílias sejam separadas para que todos os seus membros possam trabalhar, a importância deste trabalho (que dignifica o homem) é perpetuada de geração em geração. Outra discussão, intimamente ligada a esta e apontada pela autora, é sobre o desemprego. Em seu texto, Viviane diz que a situação do desemprego é característica dessa nova era do trabalho, e que o grande problema de não trabalhar é o efeito que isso gera no trabalhador. Desempregados também são pessoas, escreve a autora. Mesmo vivendo sob a ameaça de miséria, de perda de teto e de consideração social e tendo a morte como limite, essas pessoas sofrem de vergonha pelo fracasso social que vivenciam. Não apenas um problema pessoal, a vergonha adquire poder, quando é usada contra os envergonhados como ferramenta de manipulação, levando-os à submissão com objetivo de exploração do trabalho e de geração de lucro. Assim, o desempregado tem a sensação de inutilidade, como se o direito a viver esbarrasse e se confundisse com o dever de trabalhar, e a partir desta questão, quase existencial, esses *excluídos*,

“apagados, riscados, escamoteados desta sociedade” (Idem, p. 15), vivem em eterna e constante busca por trabalho, pelo direito à vida e pelo fim de sua vergonha. São, na verdade, *incluídos*, “absorvidos, devorados, relegados para sempre, deportados, repudiados, banidos, submissos e decaídos, mas tão incômodos” (Idem, p. 15).

Provérbios não são eternos nem sempre existiram, e também não trazem a verdade absoluta da existência humana, e assim como a sociedade construiu sua organização, desde formas mais rudimentares até o modo de Estado em que vivemos, eles refletem pensamentos cristalizados há muito tempo a partir do que se encontra na vivência de populações, imersas nesse caldo cultural capitalista.

2.1 Filosofia: produção cultural e ideologia

Nesse trajeto de construção da sociedade, houve também mudança do homem. Podemos falar de um homem que se constrói enquanto constrói sua realidade, e assim, cria e é criado. Até o século XVII, o homem livre se manifestava com a filosofia, ciência e ética, predominando a crença no ócio como elemento fundamental para a elevação do pensamento humano e, em contrapartida, há desvalorização do trabalho manual e valorização do intelectual (Chauí, 2008). O homem que trabalha abre mão do tempo, necessário para exercitar o ato de pensar. Assim, o trabalho surge como um impedimento ao desenvolvimento do pensar, de modo que desde seu surgimento há uma diferenciação entre aqueles que trabalham (manualmente) e aqueles que pensam.

A filosofia grega, cujo principal objetivo era uma contemplação da realidade, se diferencia daquela vista nos séculos XVII e XVIII, incorporada às relações sociais com

finalidade de dominação. O homem, não é apenas um ser reflexivo, mas transforma a realidade material da natureza, com construções e ações via objetos, dominando forças que antes não dominava. Nesse processo, as formas de conhecimento se ligam às práticas de domínio sobre a natureza e sociedade, e as manifestações do homem, antes ligadas ao pensamento e à reflexão, passam a ser subordinadas ao corpo que trabalha, sendo o trabalho, então, não meio mas fim. Com a valorização do trabalho, há nova conformação social, e surge o homem moderno – aquele que trabalha, poupa e investe, administrando seus ganhos (Idem, p. 18).

O homem, então, pode ser o proprietário ou o trabalhador, e o trabalho é o elo que media a relação entre eles. Pode, para o primeiro, ser expressão da vontade livre, que assegura padrões de liberdade, ou pode ser relação do corpo com máquinas e equipamentos para o segundo, trabalhador que tem de dar conta de suas necessidades, utilizando seu corpo (nesta relação entendido como máquina corporal) como ferramenta de trabalho. (Idem)

Foi então, neste processo histórico, que o corpo ganhou valor como ferramenta, deixando de ser base física em que a construção de ideias acontece. O homem político, valorizado por seus pensamentos, dá espaço para o homem que precisa trabalhar para prover seu sustento (Idem).

Esse arcabouço histórico construiu um cenário social aqui entendido como desigual. Entretanto, a compreensão acerca da desigualdade não é dada, mas formada: há no interjogo dessa dinâmica a ideologia, que pode interferir no entendimento da realidade.

A ideologia é um ideário histórico, social e político, que oculta a realidade, e é uma forma de manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política. A ideologia pressupõe que ideias sejam tomadas como independentes da realidade histórica e social, longe do entendimento de que é a realidade que explica e provoca ideias. O termo ideologia não vem da obra marxista, mas se origina em uma França pós-revolução, no início do século XIX, e tratava da gênese das ideias, da relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. O sentido marxista do termo não é este, mas outro, napoleônico: Napoleão aponta, utilizando tal termo, a ignorância do realismo político. Assim, para Marx, o ideólogo é aquele que inverte as relações entre o real e as ideias, e a “ideologia passa a designar um sistema de ideias condenadas a desconhecer sua relação real com a realidade” (Idem, p. 30).

Não apenas a ideologia tem lugar nesse campo de forças que atravessam a vida e organização em sociedade. A alienação também se faz presente, e é através desta que o sujeito deixa de se reconhecer como produtor das obras e como sujeito da história, tomando tanto as obras quanto a história como forças estranhas e exteriores a ele, que o dominam e o perseguem. O sujeito não se reconhece como parte integrante do processo de produção, mas na sociedade capitalista é mais uma mercadoria. A dialética deste movimento interno de produção de realidade tem como motor a contradição, não entre interno e externo, mas entre homens reais em condições históricas e sociais reais, ou seja, a luta de classes (Idem, p.46).

Assim, prevalece a lógica da mercadoria, na qual o trabalhador também se insere: é também mercadoria, vende sua força. Vale lembrar que mercadorias têm valor de

uso, a partir de sua utilidade, e valor de troca, designado a partir de preço no mercado, e que o valor de troca comanda o valor de uso. O valor de uso também se relaciona com o tempo necessário para produzir a mercadoria, ou seja, o tempo real gasto em sua produção, o das máquinas que a produziram, o tempo para a produção das matérias-primas e todo o custo da produção. Esses tempos de trabalho para a sociedade são tempos de trabalho social concentrado, que equivalem ao valor de troca (Idem). O trabalhador é, então, vendedor da força de trabalho, e é livre: sua força de trabalho libertada dele, e como mercadoria, entra no processo de produção (Martins, 2003). A partir de um contrato entre proprietários, em que um tem os meios de produção e o outro a força de trabalho, é possível separar o trabalhador de sua força, e enquadrá-la como produto. O que media essa relação de separação da pessoa de sua força é o salário, objetivo daqueles que trabalham.

Nessa produção da mercadoria entra a mais-valia, de onde se origina o lucro do proprietário e o capital. É o trabalho não pago, o valor capitalista que oculta a exploração, pois a mercadoria tem em seu preço uma parte de trabalho não pago, mas explorado. Neste sentido, o operário é um agente de produção da mais-valia, sendo produto e expressão da realização desigual da riqueza. É também um trabalhador potencial, que não faz História de modo consciente, não tem parte nas produções, é descartável e está sujeito à economia de mercado: se aumenta a demanda de trabalho, aumenta a barganha e política. Porém, se a economia vai mal, desemprego e reivindicações dão lugar à necessidade de sobrevivência (Chauí, 2008, p. 55). Cada vez mais o trabalhador é trabalhador em busca de trabalho, sujeito a entradas e saídas cíclicas do mercado de trabalho (Martins, 2003).

Práticas de trabalho entre dois proprietários - um, dos bens de produção, outro, da força de trabalho - precisam ser regulamentadas, e na mediação dessa relação, entre empregador e trabalhador, está o contrato. O Direito surge, justamente, na regulamentação entre trabalho, trabalhador e a composição familiar aí envolvida. Em termos organizacionais, políticas públicas e legislações foram desenvolvidas, apontando direitos e deveres no mundo do trabalho. Essas regulamentações, entretanto, não são eternas, adequando-se a dinamicidade das relações humanas e sociais (Chauí, 2008).

Dentro de todo este cenário, mais do que lutar por conquistas de direitos, asseguradas na forma de leis, em defesa de melhores condições de trabalho, de organização, de vida, está a luta contínua pela consolidação dessas leis, que configuram os direitos humanos.

2.2 Direitos Humanos e ONGs

Os direitos humanos englobam diversas minorias populacionais que sofrem algum tipo de violência, ainda que seja na forma de negligência, por pertencer a essas minorias, tais como negros, mulheres, idosos e etc., o que está diretamente relacionado ao mundo do trabalho e a vida em comunidade. Na luta política entre construção de cidadania, de direitos igualitários reais e de condições dignas para a população, essa parcela trabalhadora, os *incluídos* segundo Forrester (1997), entra a participação das ONGs, criadas para ocupar lacunas deixadas pelo que se entende por Estado Mínimo sobre questões sociais. Lopes (2004) enfatiza, na relação entre público e privado, a importância política das ações das ONGs, pois “gerir políticas sociais é mais que governar e satisfazer as necessidades públicas, pois é também

aderir ao projeto de instituição de uma esfera pública”, assinalando a importância de diferenciar e relativizar o que são realmente as necessidades públicas.

O mundo e as condições de trabalho deixam marcas nos homens. Não apenas marcas físicas, mas também psíquicas: o trabalho causa sofrimento, conforme já apontado por Forrester (1997), e faz adoecer. Deixa, então, marcas na carne. Esses homens, trabalhadores, são constantemente violentados quanto aos seus direitos primários: a igualdade, a liberdade, a moradia, a educação... Vários direitos, indiretamente interditados. Com isso, sua vida perde em qualidade, e mais, ele precisa trabalhar para conseguir um mínimo, sobreviver e fazer sobreviver sua família. Neste esquema, todas as peças se encaixam, e mesmo essa obstrução de direitos, constitui prática importante para o capitalismo: garantir qualidade de vida para esse homem fará com que ele possa repensar sua condição, sua história, seus ganhos no sistema. Daí entra novamente a ideologia, ocultando toda forma de pensamento que transcenda essa realidade automatizada. O homem crê no trabalho que o dignifica, na educação que transformará a vida de seus filhos, e no governo justo para o qual ele paga seus impostos. Assim, cada violação de seus direitos assegura que ele vá trabalhar no dia seguinte, e quando perder seu emprego – o que provavelmente vai acontecer, em uma das crises cíclicas de sobreacumulação de matéria prima e de mão de obra (Harvey, 2005) -, ele vai à busca de outro, envergonhado pela condição de desempregado (Forrester, 1997).

A legislação sobre direitos humanos existe, está escrita e tem validade. Nos últimos anos obteve grandes avanços, contemplando pessoas e lugares até então ausentes dessa discussão. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) é um

desses documentos, cuja participação das ONGs foi decisiva tanto na escrita quanto na promulgação, constituindo um grande passo no cuidado a uma população que há algum tempo vinha sofrendo por não ter os seus direitos assegurados, que são as crianças e adolescentes. A grande questão que se coloca é, uma vez constatada a veracidade das leis escritas e legítimas, compreender os mecanismos que impedem sua execução. Fica claro, também, a importância do terceiro setor na luta de populações junto às políticas públicas sobre questões sociais (Souza, 2003).

Nesse sentido, algumas ONGs atuam como mediadoras entre poder legislativo e sociedade. A ONG Camará, Centro Camará de Pesquisa e Apoio à Infância e Juventude, é uma instituição localizada na cidade de São Vicente que visa a proteção e o cuidado de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Ainda, constitui um forte elemento na participação civil da cidade, convocando a todos (crianças, adolescentes, jovens e adultos) para o cumprimento de seus deveres e atenção com suas responsabilidades consigo mesmo, na cidade e com o mundo. O trabalho de responsabilização, conscientização e suporte oferecido pela instituição tem sido uma alternativa encontrada, não apenas na cidade de São Vicente, de ação no limite entre o público, privado e o social, na qual ONGs assumem papel de terceira via possível.

2.3 – ONG Camará: a formação e a atuação de educadores sociais e arte-educadores

A ONG Camará fica na cidade de São Vicente, e tem como público-alvo populações em situação de vulnerabilidade social e tem por objetivo o trabalho com crianças e

adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Apesar do foco de suas ações serem crianças e adolescentes, a instituição atua com uma rede de apoio que alcança a família e a comunidade, como um todo. Seu funcionamento é através de projetos que atendem a editais para obter financiamento, e a partir desses projetos, suas práticas são desenvolvidas em algumas áreas temáticas específicas. Alguns projetos de destaque lá se relacionam a grupos de dança-do-ventre e teatro, alguns dos preferidos pelas crianças e adolescentes, que objetivam trabalhar temáticas relacionadas ao corpo, enquanto corpo fragilizado ou sujeito a vulnerabilidades, e enquanto corpo que se expressa, corpo que tem possibilidades artísticas. Muitas crianças participam dessas oficinas, que acontecem semanalmente.

A noção de intermediário proposta por Carreteiro (2003) ajuda a pensar as práticas da ONG Camará, no sentido de que o intermediário une dois pontos separados mas ainda mantém a separação, permitindo trabalho psíquico e modificação na realidade. Assim, a ONG pode ser pensada em um espaço intermediário entre sociedade civil e políticas públicas, no qual a confiança tem espaço para existir e as singularidades podem ser acolhidas, mantendo a separação, porém articulando as instâncias distintas. A autora propõe, ainda, a inserção da arte como mediadora no processo de aproximação de jovens em situação de vulnerabilidade social e, segundo a autora, as ações com populações vulneráveis são permeadas por liberdade: liberdade para *existir*, para *ser* e para *viver*, dos modos que forem possíveis e desejados. O Camará é espaço de criação, de produção e mais do que isso, de aceitação. Parte-se da ideia de que todos devem ter espaço no mundo, e ainda que em alguns locais isso não aconteça, lá a proposta é de que se assegure um

espaço no qual isso efetivamente acontece: lá deve ser possível *ser, estar, conviver e compartilhar*. Há ainda a resistência contra o engessamento, comum em atividades com populações, em busca constante de sentido para as práticas e vivências.

A maioria dos profissionais que trabalham nesta instituição são educadores sociais, e muitos deles já foram crianças e adolescentes atendidos na ONG, e por meio de capacitações e processos de formação ofertados por ONGs, hoje têm possibilidade de atuar junto às outras crianças, transpondo as possibilidades de transformação de vida, já tendo as suas vidas sido transformadas.

É sobre essas vidas que construí as narrativas de memórias de vida que apresento aqui. Vidas que apesar de terem sofrido com a exploração capitalista conseguem se contrapor à maré e produzir formas de atuar e agir que ajudem a mudar destinos, aparentemente já traçados para as populações de baixa renda no Brasil. Assim, a questão que se levanta aqui, é a articulação entre cultura, questão social e subjetividade, a partir da hipótese de que existe algo notório na vida dessas pessoas que as influenciou e modificou, levando-as a viver em um movimento contra-hegemônico que pode ser descrito da seguinte maneira: de um lado, drogas, crack, prostituição, miséria – o caminho “mais fácil”, esperado; de outro, o cuidado de si e a preocupação em buscar maneiras de conscientizar a população, os jovens, sobre seus direitos, deveres e sobre cidadania – formados por educadores sociais eles também se transformaram em educadores sociais. Ainda, essa ONG não apenas atuou como suporte para o sofrimento de tantas pessoas, mas cuidou delas a ponto de mudar suas vidas. Crianças que por ali passaram transformaram suas vidas, tornaram-se também educadores da instituição, que agora transformam outras vidas, mais vidas,

mais memórias a se narrar. A atenção e disponibilidade necessárias para perceber esse outro às vezes tão vulnerável, como esses educadores sociais percebem, constituem memórias de vida a serem narradas.

2.4 – A experiência de estágio no Camará e a percepção da vida como obra de arte

Meu contato com o Camará se origina em uma proposta de estágio interdisciplinar de quarto ano de graduação em Psicologia, com carga horária semanal média de 6 horas. A proposta inicial de estágio para a qual me inscrevi, era relacionada ao enfrentamento da violência e exploração sexual através da arte. Quando optei por este estágio, pensava em “arte” com viés de senso comum, como uso de argila, madeira, música e poesias, por exemplo, com algo de terapêutico nessas produções. Levou algum tempo para que eu percebesse que, além de não se tratar desta arte que eu esperava, trata-se de outra, de muitas outras, que talvez sejam maiores e mais importantes, as quais ainda estou descobrindo, e que quero estudar.

Sobre arte, Bauman (2009, p.72), discute a arte da vida, e afirma o valor intrínseco da vida humana como obra de arte em todas as suas dimensões e de qualquer forma, postulando que “a vida não pode deixar de ser uma obra de arte se é uma vida humana”. O autor traz alguma discussão sobre responsabilidade e escolha, pois assim como o artista é responsável por sua arte, todos somos responsáveis por nossas vidas (nossas artes). Assim, já que somos “artistas por decreto”, e nunca deixaremos de sê-lo, temos total responsabilidade por nossa arte, então assumimos o risco da criação, seja na inação (onde uma ausência também é ação e tem resultados e efeitos), seja de

qualquer outra forma, como a destruição ou aniquilamento, pois aí também há arte. Diferentemente do descrito por Bauman, vejo no Camará outra forma de arte. Lá se faz arte das pequenas coisas, da cidadania, valorizar o outro de verdade, sem nenhum tipo de hipocrisia ou mentira. É uma arte de conviver, o que não é sempre fácil, a convivência precisa ser gestada, algumas vezes. É uma arte do saber *estar com, estar junto, ser parte* da vida do outro, e esse modo de ser artista ultrapassa o artesão ou o pintor, pois esbarra no inesperado, é ser um artista da vida em todos os seus aspectos. Essa arte da politização, da consciência, da vida em grupo e de ver os outros como pessoas únicas, enxergando suas potências e trabalhando formas de auxiliar em seu crescimento e transformação, é diferente de valorizar a vida por sua existência, pois valoriza cada aspecto dessa vida que existe. Valoriza o sujeito dessa vida que existe, e que, segundo Bauman, seria o artista. Nessa instituição de arte, todos olham para dentro do artista, da forma que ele é, que ele quer ser, que ele sabe, pode e consegue ser no mundo, agir e viver. Peço licença a Bauman, com todo respeito, para parodiá-lo: não apenas a vida é uma obra de arte, mas ser *artista, viver e conviver entre artistas e com artistas*, tudo isso é arte.

Câmara (2007) faz reflexões sobre o corpo, enquanto corpo político, que só pode se perceber como tal na relação com os outros, na arte da convivência. Corpo, em questão, do educador da ONG Camará, da criança que frequenta a ONG – e da que não frequenta, da aluna que compõe este trabalho, do operário de chão de fábrica, do pescador ali no cais, do prefeito; corpos, viventes aqui e ali. Câmara, baseado em leituras de Foucault, lembra que os instrumentos de controle que utilizados na contemporaneidade são mais difíceis de serem confrontados, e produzem indivíduos

ocos, de corpos fúteis, acrílicos e docilizados, na busca de reconhecimento social instantâneo sem contato com profundidade. Fala-se, então, de efemeridade e vazio existencial. Ainda, quando cita Deleuze, Câmara (2007) fala do Diferente, elemento fundamental no confronto com a morte, que é homogeneidade. Uma aparente uniformidade instala segurança, que leva sujeitos a abrir mão dos sonhos e da liberdade. Elemento vivo, pulsante.

A busca, então, é de corpos que captem o mundo não por sua capacidade de verbalização, mas pelo olhar, audição, por variadas sensações. É um corpo que não só interpreta o real, mas o experimenta, vive onde o mais profundo acontece. Não entender, mas compreender; não interpretar, mas experimentar. Corpo que amplia sua consciência de si, re-significa modos de existir, sentir, viver e fazer. Corpos que se descongelem no calor de outros corpos, já que a frieza e a distância inibem, como escreveu Espinoza , o bom encontro, aquele que compõe, que fertiliza. O autor afirma, ainda, a necessidade dos sujeitos de confrontar o medo, responsabilizar-se por suas reflexões e ações sociais, e capacitar-se para o exercício da liberdade, a fim de alterar as condições sociais e criar rupturas no tradicional fazer, possibilitando novos modos de existir. Torna-se corpo artístico, corpo-arte, ou ainda, corpo-obra.

Em minha proposta, mais do que educadores sociais, os membros do Camará são também artistas. O autor que dá sustentação a Bauman para refletir sobre “a vida como obra de arte” é Foucault (1984) que afirma que a arte geralmente é associada a objetos e não à indivíduos ou à vida, sendo comumente entendida como algo especializado fornecido por artistas. Para estes autores, vidas podem se transformar em obras de arte.

Assim, diante de tudo o que foi posto, seria possível compreender esses educadores sociais como artistas? Seria possível afirmar que a forma como eles existem no mundo, suas condutas e suas ações, apontam para uma sensibilidade incomum no cuidado com o outro? Haveria uma expressão singular dessas pessoas enquanto sujeitos no mundo?

Foi com objetivo de problematizar estas questões que investi em construir narrativas de história de vida destes educadores sociais que atuam na ONG Camará. Estas são questões que se apresentaram para mim na experiência de estágio, me mobilizaram e deram origem a esta pesquisa.

Desta forma, esta pesquisa se justifica pela crescente ação dos educadores sociais e das ONGs como terceiro setor, contribuindo para execução de práticas com populações em situação de vulnerabilidade social em composição com políticas públicas voltadas para essas populações, apontando assim para as contradições encontradas entre história singular (educadores sociais, que frequentemente já foram crianças de ações de ONGs) e coletivo (o que costumeiramente é esperado, com um viés determinista: expectativa hegemônica, de criar e reproduzir operários descartáveis, e trabalhadores cada vez mais em busca de trabalho), em populações vulneráveis.

Também encontramos justificativa no compromisso ético, social e acadêmico que a Universidade deve ter com a comunidade, no caso, com a comunidade da Baixada Santista. Retratar as ações desenvolvidas junto à população desta região, compreender como são os modos de vida e de transformação de vidas e intervir,

ainda que através da construção teórica, são modos de continuar esse compromisso da Universidade, estendendo-o para além dos muros da academia e de minha formação em Psicologia.

Outro ponto a se destacar é que a narrativa como produto final poderá contribuir para a discussão sobre a importância das ONGs como espaço de exercício de direitos que estão sendo negados para muitos cidadãos na sociedade capitalista, como também, será possível elencar indicativos para a criação de Políticas Públicas e Sociais que acolham e incluam populações em situação de vulnerabilidade social, longe dos assistencialismos e que devolvam o exercício da cidadania e da autonomia de direito.

Neste sentido é que utilizei como material para a produção dos dados desta pesquisa as narrativas de memórias de vida de educadores sociais, pois narrativas também são formas de valorizar a vida, de narrar o vivo e colocá-lo em discussão com a teoria. Elas auxiliam na identificação de pontos sociais e individuais de um sujeito que fala a partir de sua singularidade.

3.Objetivos

A pesquisa teve como principal objetivo compreender em suas trajetórias de vida, quais, como e se existiram fatores que potencializaram a transformação de suas vidas e as suas escolhas de modo a produzirem a sua sensibilidade para o cuidado de sujeitos em situação de vulnerabilidade social.

Para tanto, estabelecemos como objetivos específicos da pesquisa:

- a) Construir narrativas sobre as memórias de vida de dois educadores da ONG Camará;
- b) Compreender como a história de vida desses sujeitos se construiu, e que memórias de vida foram e são significativas para eles, em relação à sua prática profissional, a fim de entender que elementos em suas vidas foram determinantes para colocá-los em um movimento contra-hegemônico, de modo a atuarem como transformadores de outras vidas como as suas próprias, eventualmente, foram alteradas por meio das atividades realizadas na ONG, da educação social e da arte;
- c) Refletir sobre como eles exercem os seus trabalhos (por seu valor humano, pelo reconhecimento e valorização do outro), tão diferentes daqueles descritos na introdução deste projeto (o trabalho alienado, automatizado e sem sentido), de modo a valorizar o compromisso social que assumem nas comunidades e contribuir para o reconhecimento dessas ações;
- d) Elaborar um aporte teórico que subsidie o tema do projeto de TCC, correlacionando as histórias de vida aqui narradas com o cenário social e histórico em que se inserem.
- e) Identificar de que modo sua capacidade de criatividade e poder de transformação traçam barreiras tênues entre fatores individuais e não-individuais, no sentido de que a vida se tece no limite entre ações individuais, coletivas e aquelas que ainda acontecem no cotidiano da ONG

em questão. Assim, as histórias de vida, e por consequência, as memórias de vida, serão criadas explicitando essa articulação entre indivíduo e cultura.

4. Método:

“Porque decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências” (Bosi, 1994, p. 84).

Por excelência, pesquisas qualitativas são diferentes entre si, nos mais variados termos: desde método, forma e objetivos, ressaltando assim a diversidade de objetos a se pesquisar. Uma das possibilidades de produzir pesquisa qualitativa que cada vez mais ganha legitimidade são as narrativas, instrumento de pesquisa qualitativa escolhido para o desenvolvimento deste TCC. Narrativas trazem para a pesquisa qualitativa um dispositivo poroso de comunicação (Onoko Campos e Furtado, 2008), contribuindo também para uma ação política nessa modalidade de pesquisa.

Na pesquisa qualitativa é preciso que haja um observador participante, que encare a pesquisa mais do que como uma coleta de dados sistemáticos, mas como um compromisso afetivo, tomando parte na vida dos sujeitos da pesquisa. Daí surge a importância do vínculo e empatia entre observador e sujeito (Bosi, 1994). Sobre narrativas, esse observador tem papel de, através da voz e da produção escrita, registrar a vida e pensamento daqueles que falam, levando em consideração que esse registro de memória pessoal é também social, familiar e grupal, ou seja, fica registrado na fala do sujeito as falas referentes àquilo que ele viveu, seus antepassados e sua história. Diante da complexidade que essa fala traz em si, a veracidade do narrado interessa menos do

que aquilo que foi lembrado, o foco não está na verdade absoluta, mas na edição feita, em tempo presente, de um tempo passado.

Diante disso, nesta pesquisa a produção da narrativa não foi estruturada em um único tema, mas permitirá ao sujeito liberdade ao contar suas memórias. A análise destas narrativas foi tematizada a partir dos tópicos desenvolvidos na introdução deste projeto.

a) Método de produção de dados

Este projeto foi executado em duas etapas: pesquisa bibliográfica e produção de narrativas:

Pesquisa Bibliográfica:

Para ampliar as possibilidades de diálogo e articulação teórico-conceitual, bem como com objetivo de compreender o estado da arte nas discussões sobre os temas centrais desta pesquisa, foi feito um levantamento seguido de leitura e estudo aprofundado. Foram priorizados os temas relacionados a políticas públicas, organizações não-governamentais, terceiro setor, o trabalho de educadores sociais e arte.

Construção das narrativas com educadores sociais e arte-educadores:

As narrativas foram produzidas por meio de encontros com os educadores sociais da ONG Camará, convidados a narrar sua trajetória de vida. Os possíveis pontos norteadores da conversa entre pesquisador e educador foram: como e onde viveu, infância e adolescência, como era seu relacionamento familiar, como a família lidava com o trabalho, como compreende o trabalho no mundo e na vida humana, como chegou até a ONG, como enxerga a organização social, o que é política, cidadania, direitos humanos,

lazer, arte, o que espera do futuro, qual seu papel na instituição em que se encontra, as pessoas mais importantes que cruzaram seus caminhos, os grupos e instituições dos quais faziam e/ou fazem parte, como foi e é o contato com a arte, com qual arte, o que é arte para cada um deles, enfim, e alguns aspectos que hoje, em tempo presente, eles entendem como importantes. É importante ressaltar que esses pontos norteadores não são questões a serem perguntadas, uma vez que não se trata de narrativas temáticas e de roteiros de conversa estruturados, mas de um encontro que deve produzir resultados nos sujeitos e no narrador tanto em relação à narrativa quanto para além dela. Portanto, não se trata de um diálogo fixo e previamente planejado. A ideia de aspectos norteadores caminha em consonância com o arcabouço que constitui a parte inicial deste projeto, ou seja, temas pertinentes ao mundo do trabalho e arte.

b) Método de análise

A narrativa como produto final foi tomada como objeto de análise a partir dos referenciais teóricos sobre trabalho e arte apresentados no corpo da introdução e no primeiro capítulo da pesquisa, que se refere ao histórico das ONG e a formação de educadores sociais.

c) Sujeitos:

Dois educadores sociais foram convidados a participar desta pesquisa, e as narrativas construídas com eles foram produto e processo para construção deste trabalho. Esses educadores têm um papel muito importante na ONG Camará, e seus grupos de atividades mobilizam muitos adolescentes, jovens e crianças, constituindo grupos unidos e sólidos – não que isso impeça alguns conflitos. A trajetória deles na

instituição passa por momentos de holofotes, com apresentações de produção e desempenho reconhecido na cidade, e por momentos complicados, com falta de verba para manter projetos e salários, que quase os afasta de sua prática, levando-os a buscar formas de sobreviver. São os tênues limites entre arte e trabalho, conforme discutido na introdução deste projeto, que ganham corpos, rostos e histórias. São destas pessoas que se pretendeu narrar memórias.

d) Materiais:

Para a construção das narrativas, a proposta inicial era de que fossem feitas algo em torno de cinco encontros com duração média de uma hora com cada sujeito convidado, nos quais conversaríamos sobre a história da vida deles e o percurso que tiveram até tornarem-se educadores sociais. Os educadores decidiriam se a narrativa seria publicada e divulgada para a ONG, conforme informado no termo de consentimento livre e esclarecido. Foi explicado e acordado que a narrativa produzida é propriedade do sujeito, assim como os encaminhamentos que dados a ela, cabendo a ele decidir sobre sua publicação e divulgação, junto a ONG e qualquer outro veículo de comunicação. Os locais de encontro foram combinados com os participantes, para sua comodidade e para a construção da narrativa; foram feitos registros em diários de campo sobre as conversas do dia, cujas informações foram utilizadas na produção do texto final das narrativas. Ao final do processo, os participantes receberam uma cópia da narrativa produzida. O processo encerrou-se com uma conversa sobre o que foi participar deste projeto e construir uma narrativa, assim como sobre os encaminhamentos do projeto. De fato, no decorrer da pesquisa, foram realizados três encontros com os educadores, com duração

variável, totalizando cerca de seis horas de conversa com cada um. Todos os encontros se realizaram na sede da ONG Camará, conforme escolhido pelos convidados.

Para participar deste projeto, os convidados foram informados sobre o termo de consentimento livre e esclarecido (anexo 1), contribuindo com as garantias da condição ética da pesquisa.

5. Expectativas da pesquisa:

A expectativa era de que a elaboração das narrativas tivesse sentido para os narradores, e pudesse se constituir em um momento de reflexão sobre sua vida e sua história e suas memórias. E espera-se também contribuir para discussões sobre a temática das narrativas, assim como sobre educação social e terceiro setor, possibilitando reflexões que possam encaminhar possíveis articulações com políticas públicas pertinentes a esses temas aqui discutidos. Pretende-se, então, que este projeto contribua para a construção, potencialização e valorização da vida, da obra de arte que é a vida em suas diferentes formas de ser. Espera-se que esta pesquisa possa vir a ser, também, uma forma de arte.

CAPÍTULO 1: Educadores Sociais: História, vida e arte

“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida.”

Vinícius de Moraes

*“Nos interessa o que não foi impresso
E continua sendo escrito à mão.”*

Humberto Gessinger

Segundo a ABONG, Associação Brasileira de ONGs, em pesquisa divulgada no dia sete de Agosto de 2012 e realizada por algumas instituições de prestígio no país, entre elas o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), hoje no Brasil existem 338 mil organizações sem fins lucrativos. Ainda, tal pesquisa aponta para o crescimento na quantidade dessas entidades e para a precariedade de seus trabalhos e fragilidade de seus financiamentos. Como característica marcante, foi encontrado um predomínio do associativismo: todas as 338 mil ONGs são entendidas como entidades de defesa de Direitos e do Terceiro Setor. Em comparação com 2002, há aumento de instituições na região Nordeste, embora a região Sudeste continue sendo a campeã em número.

A pesquisa encontrou fatores de desigualdade entre as organizações, com baixa média salarial para um grande contingente de trabalhadores, uma vez que tais organizações empregam cerca de 1,7 milhão de pessoas, além do trabalho voluntário. De modo geral, prevalece o trabalho militante e precarizado, sendo as áreas de saúde e educação as responsáveis pelo maior número de empregos. Também são as ONGs na área da saúde aquelas com maior longevidade, possivelmente devido às suas relações com o Estado, de isenção e imunidade fiscal. A pesquisa não aponta para a taxa de

mortalidade das entidades, mas mostra que em média, predominam entidades novas, com cerca de doze anos de existência.

As Organizações Não Governamentais (ONGs) são integrantes de um conjunto maior de organizações, as Fundações Sem Fins Lucrativos, que surgiram nos anos 50 na América Latina, se desenvolveram nos anos 70, e, de um modo mais expressivo a partir da década de 80 e 90 no Brasil, e compõem parte do que se convencionou chamar de *Terceiro Setor*. Este, pode ser compreendido como o conjunto de organizações privadas, não governamentais, sem fins lucrativos, autogovernadas e de associação voluntária, que atualmente representa o modelo dominante de intervenção na área social (Borba e Lopes, 2010). Nesta época, assiste-se ao afastamento do Estado de suas responsabilidades de resposta às sequelas da questão social, sendo que esse processo de desresponsabilização do Estado seria compensado através da ampliação dos sistemas filantrópicos-voluntários, o terceiro setor.

No pensamento neoliberal há grande abertura de mercados e reduzida participação do Estado na economia, o que se conhece como *minarquia*: o Estado tem como função evitar a coerção física da população, apenas, de acordo com Borba e Lopes (2010). Segundo Montano (2002), nesse pensamento não há separação entre Estado e mercado, e os conceitos são abordados como se não houvesse relação entre eles: questões econômicas, “despolitizadas” no interior do Mercado; no Estado, há processos de política “deseconomizadas” e atividades sociais, por sua vez, “deseconomizadas e despolitizadas”. Neste pensamento, há uma continuidade entre o Estado, o que é público e a esfera pública, composta pelo social e pela política formal, e por outro lado, está o não estatal ao lado do privado, composto pelo mercado econômico e sociedade civil. É

um pensamento de segregações e oposições, e como tentativa de resolver tal situação, nasce o que se chamou de Terceiro Setor, com objetivo de tratar a questão social. Nessa linha de segmentalizar a totalidade social, o Estado é considerado o Primeiro Setor e o mercado, Segundo Setor, e a intersecção entre eles é o Terceiro Setor, que deve abranger funções públicas em espaços e iniciativas privadas, não sendo governamental ou lucrativo. A questão que se apresenta, para o autor, seria a superação da bipolaridade entre Estado e mercado, e entre público e privado.

As ONGs voltadas para a promoção do desenvolvimento popular surgem na América Latina, na década de 50, e proliferam nos anos 70. Em sua maioria, eram organizações assistencialistas, associadas à Igreja Católica, e seu foco de trabalho era a polícia social; segundo Machado e Kyosen (1998), tal política pode ser definida como própria das formações econômico-sociais capitalistas contemporâneas, de ação e controle sobre as necessidades sociais básicas das pessoas não satisfeitas pelo modo capitalista de produção, sendo uma política de mediação entre as necessidades de valorização e acumulação do capital e as necessidades de manutenção da força de trabalho disponível para o mesmo. Nesta perspectiva, a política social é uma gestão estatal da força de trabalho e do preço da força de trabalho. Já nos anos 70, o Estado autoritário e a perseguição aos intelectuais marcaram o estilo das ONGs, e ao mesmo tempo, algumas entidades surgem como “aparelho” de organização sindical, social ou religiosa, ou como organização de movimento de minorias, com grupos indígenas ou de movimentos femininos. Há grande valorização da autonomia institucional afastada de toda forma de política partidária, inclusive aquelas de esquerda (Coraggio, 2000).

Historicamente, no Brasil, a maioria das ONGs nasce na década de 80, apoiando movimentos populares, e é objetivo claro a articulação do movimento social pela luta dos direitos de cidadania. Esse modelo de ONG passou a ser nomeado como *militante*, e colaborou com o processo de transição democrática vivenciado pela sociedade brasileira a partir do final dos anos 70 e, fortemente, 80 – transição de uma política ditatorial para um retorno da democracia. Elas se opunham ao Estado e, de certa forma, essa posição política foi possibilitada e garantida pelo financiamento internacional, vindo de países interessados em estabelecer no Brasil uma ordem democrática (Borba e Lopes, 2010).

Na década de 90 esse quadro sofre uma inflexão, na medida em que as ONGs financiadas por agências internacionais passaram a contar com menos recursos, já que em um contexto mundial experimentava-se uma complexa crise do capital, iniciada na década de 70, que encerrou o que se conhecia como “*era de ouro*”. Disparou-se assim uma reestruturação do capital, objetivando assegurar a permanência do sistema como um todo e, como apoio a esse processo, houve uma flexibilização dos processos de trabalho. Como consequência, as condições de trabalho se precarizaram e cresceram os trabalhadores em tempos parciais e temporários, além dos terceirizados e subcontratados (Borba e Lopes, 2010).

Durante esse dinâmico processo, os recursos e financiamentos internacionais cessaram, e as ONGs nascidas na década de 90 reduziram seu caráter militante e de oposição ao Estado. Nesse período, elas foram fortemente influenciadas pela ordem política e econômica neoliberal, segundo Borba e Lopes (2010).

Ainda como resultado dessa nova configuração econômica, muitas ONGs executam projetos com financiamento estatal e, como estes recursos não são suficientes, buscam formas alternativas para captar novos recursos, junto a outros órgãos financiadores, como empresas privadas, fundações, instituições (laicas e religiosas) e indivíduos da sociedade civil. Através do preenchimento de editais que visam conseguir aprovação de projeto e captação de recursos, muitas ONGs concorrem entre si por motivos financeiros, de modo que nem todos os projetos são executados, abrindo aí uma margem de competitividade entre instituições que atuam junto à populações vulneráveis (Borba e Lopes, 2010).

Ainda neste mesmo período, a agenda neoliberal muda de discurso, passando a integrar e pontuar a necessidade de intervenção do Estado junto das camadas mais pobres, visando à manutenção da estabilidade política e a redução de conflitos. Para a execução de ações protetivas existem parcerias entre Estado e ONGs. Entretanto, a existência e a proliferação das ONGs e esse modelo de parceria seguem a lógica da precarização e da flexibilização, já que verbas de repasse para as parcerias são escassas, refletindo-se nas condições de trabalho dos sujeitos que irão ser contratados e, mais do que isso, abre espaço para que, contrariamente ao que se espera, a questão social seja cada vez mais uma demanda das ONGs e não do Estado, já que este financia, de alguma forma, para que as ONGs prestem este serviço, precarizando e flexibilizando tal questão social (Castro e Silva, 2009; Borba e Lopes, 2010).

Coraggio (2000) aponta que as ONGs apareceram como alternativa de baixo custo para políticas sociais. Nessa situação, um problema que se apresenta é sobre a administração de recursos: há setores descuidados e outros hiperdimensionados, e a

escolha entre as ONGs que receberão recursos e as que não receberão acaba por, mais uma vez, aumentar a concorrência entre as entidades e colocar em xeque sua vocação de serviço e objetivos institucionais, gerando formas de controle regidas por leis de mercado e objetivos políticos. Na batalha por recursos, prevalece o estilo pobre e os baixos salários, que levam à reprodução de situações de vulnerabilidade social.

Para o autor (Coraggio, 2000), esse controle de recursos leva indiretamente ao controle do acesso de Direitos, supostamente universais. Se ONGs não têm recursos para trabalhar no acesso da população aos seus Direitos, novamente esses Direitos lhes são negados. Ficam, ainda, as contradições entre a universalidade desejada para valores humanos e direitos dos povos a processar sua cultura dentro dessa imensa dimensão de mercado, e entre conflitos particulares e cultura, regida por leis de mercado.

A projeção nacional das ONGs no Brasil ocorreu simultaneamente ao fortalecimento do projeto político neoliberal, conforme já mencionado, e neste momento, práticas educativas voltadas para adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social foram realizadas. Essas instituições se multiplicaram, porém a formação de seus agentes educativos, os educadores sociais, não acompanhou esse processo, e é frequente que os educadores se deparem com dificuldades para a execução do seu trabalho, desde escassez de material para as atividades, em termos concretos, até formações frágeis, baixos salários e o entendimento do trabalho técnico como voluntário, como exemplos de algumas dificuldades menos concretas porém de grande impacto no cotidiano desses trabalhadores (Castro e Silva, 2009; Borba e Lopes, 2009).

A vulnerabilidade social, neste contexto, pode ser entendida de diferentes modos. Pode ser a associação entre precariedade do trabalho e fragilidade relacional, com precárias formas de trabalho, estudo e circulação social, desde a infância e adolescência e que se perpetua por toda a vida adulta, resultando em sujeitos, cada vez mais, com menor formação, menos condições de trabalho e menores salários tal qual descrito por Borba e Lopes (2010), a partir do conceito de Castell sobre o tema, no qual a vulnerabilidade é produzida na conjunção da precariedade do trabalho e da fragilidade do vínculo relacional. Há, ainda, a perspectiva apontada por Carreteiro (2003), na qual a vulnerabilidade social, a exclusão social e a desfiliação social são entendidas como falta de inscrição positiva nas diversas instituições sociais. Isto ocorre com grande parte da população, moradora das periferias da cidade nas quais predomina a falta de segurança, de saneamento básico, de espaços de lazer e de produção cultural.

Assim, segundo os autores (Borba e Lopes, 2010), a multiplicação das ONGs nas grandes cidades foi uma tentativa de minimizar os efeitos da desigualdade social, violência e, também, criação de formas para gerir tempo livre de crianças, adolescentes e jovens pobres, que assumem um papel ambivalente: ao mesmo tempo em que são esperança de um futuro melhor, de transformação da comunidade, são também aqueles que ameaçam a ordem e podem causar perigo, precisando então de controle. As ONGs, então, são o lugar onde ocorrem ações sócio-educativas que dialogariam com as necessidades dos jovens e da comunidade, assumindo um compromisso com a transformação social do território em que estão inseridas, apostando nos jovens como protagonistas para essa transformação. As ONGs também são espaços importantes de sociabilidade e pertencimento *dos e para os* jovens nas cidades, cujas relações ali

estabelecidas apontam, constantemente, para o ganho de respeito e ampliação de redes de suporte social.

a) A atuação dos Educadores Sociais e Arte-educadores em ONGs

Entre a ação educativa e a assistência social é que se desenvolve o trabalho do educador social, sujeito que executa, cria, inventa os afazeres cotidianamente, nas ONGs. O educador social é a maneira concreta de uma ONG existir, a concretização possível de sua ação (Borba e Lopes, 2010). A ONG, assim, pode se tornar um lugar de desenvolvimento de novas perspectivas (Castro e Silva, 2009), graças ao complexo trabalho do educador social.

O educador social, segundo Ramos e Roman (2011), tem como princípios de ação o desenvolvimento da autonomia e da solidariedade do indivíduo, assim como a construção de um projeto de vida que leve em conta seu bem-estar pessoal e da comunidade, compromisso ético na construção de uma sociedade mais justa. Para Silva (2009), tal profissional trabalha com populações em situação de risco e exclusão social, privadas de condições básicas para viver, como trabalho saúde, educação, lazer e saneamento básico, entre outros.

Assim como os educadores sociais trabalham em comunidades e com populações em situação de vulnerabilidade, existem os arte-educadores, cujo objetivo de trabalho, basicamente, é o ensino de artes. Na ONG Camará, além daquela forma de arte muito peculiar a qual descrevi anteriormente, prevalece o trabalho artístico e a valorização da arte, seja no grupo de dança-do-ventre, no então existente grupo de teatro e no trato com as populações: os arte-educadores aqui não dão aula de educação artística em

escolas, mas adotam uma postura artística para vida, com tudo e todos, nos grupos e na relação.

Segundo Barbosa (1989), artes têm sido uma matéria obrigatória em escolas desde 1971, ano de criação da Lei Federal 5692, a qual estabeleceu uma educação orientada para a profissionalização da criança desde a 7ª série, método escolhido para a profissionalização de mão-de-obra barata para as companhias multinacionais que adquiriram poder no país durante a ditadura militar de 1964 a 1983. Segundo a autora, os professores da época não tinham preparo, não havia cursos e instituições que ensinassem artes no país. Como principal objetivo, professores de artes buscam o desenvolvimento da criatividade em seus alunos, além de espontaneidade, autoliberação e originalidade, objetivando que a arte se torne uma ferramenta de aprendizado e sensibilização dos sujeitos.

Para a autora (Barbosa, 1989), a Constituição Brasileira de 1988 foi um grande avanço na conquista dos arte-educadores, uma vez que na Seção sobre educação, o artigo 206, parágrafo II, determina que: "O ensino tomará lugar sobre os seguintes princípios (...). II — liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e disseminar pensamento, arte e conhecimento."

Desde então, é dever do Estado o ensino de arte nas escolas. Nas definições dos dicionários, consta dentre seus significados, que a palavra arte é: habilidade, a arte de agradar, de comover; é também a expressão de um ideal de beleza nas obras humanas: obra de arte (Ferreira, 1987).

Mais do que um termo de dicionário, a arte e o ato de tornar a própria vida uma obra de arte já foi objeto de dedicação de outras pessoas. O escritor e dramaturgo Oscar Wilde (1854 – 1900) viveu uma vida conduzida às exigências da beleza, e deparou-se com a contradição entre ser uma obra de arte ou estar rodeado de belos ornamentos (Todorov, 2011). Entre romances de sucesso e uma vida pessoal caótica, o homem que pretendia fazer de sua vida uma obra de arte, se vê protagonista de um trágico romance, e na narrativa de sua história, resta a questão sobre como amar e valorizar uma vida hostil. Rilke (1875 – 1926), poeta alemão do século XX, entende que vida artística é aquela voltada à produção de belas obras, pelo trabalho, e dedica, via sacrifício, sua existência para a criação artística. Tsvetaeva (1892 – 1941), poetisa russa e leitora das obras de Rilke, entende arte e vida em uma mesma perspectiva, e em sua busca por perfeição encontra um país assolado pela guerra e pela fome, e tamanho é seu desespero que apenas a morte lhe traria paz.

Três histórias de artistas renomados (Todorov, 2011), vidas inteiras resumidas em um parágrafo. Vidas dedicadas a um objetivo definido: a arte. Mas não é apenas desta arte, poética e famosa, que tratamos aqui, mas também de uma outra, um formato alternativo. Falamos aqui de uma mistura, uma composição, que articula a história da organização social da sociedade civil, que é a história das ONGs neste país, com o trabalho dos educadores sociais e com arte. De tudo isto, resultam artistas, arte-educadores diferentes, com um olhar mais crítico e sensível ao social. Falamos aqui de pessoas que dedicam suas vidas à arte, arte do encontro, arte do afeto, arte do olhar o outro. Arte de dedicar sua vida profissional como educador social em uma ONG dotada de poucos recursos, e através do olhar artístico sensível, utilizar da dança e do teatro

como ferramenta de acesso à população em situação de vulnerabilidade social, encarnada em meninas vítimas de exploração sexual, meninos envolvidos no tráfico de drogas e tantos outros, meninos e meninas sem rosto, invisíveis, quase inexistentes.

Falamos de pessoas que enxergam. E mais do que isso, que partem para a ação.

Arte-educadores, educadores pela arte de entregar-se ao outro, entregar seu tempo, sua educação, sua vida pessoal. Empenhar seus esforços, sua energia, seu estudo. Artistas de vocação, dotados de um dom: o dom do cuidado. E cuidam eles de tantos. Nas lacunas do Estado, no meio-fio de comunidades pobres, lá estão eles: saem às ruas, entram em casas e barracos, lutam batalhas diárias pelo pão e pelos Direitos, para si e para o outro. Doam, dedicam-se, entregam-se, empenham-se. Valorizam, escutam. Amam e acreditam. Seu trabalho, destes arte-educadores, acontece em ONGs que conseguem se manter a grande custo, em tempos de poucos recursos, e influenciam outras vidas, dos jovens que passam por suas mãos.

b) A história da ONG Camará e a experiência de estágio

No ano de 2011, enquanto aluna de quarto ano de Psicologia em uma instituição federal que valoriza a inserção do aluno na comunidade em que se situa a Universidade, tive oportunidade de fazer estágio na ONG Camará. Foi um estágio de caráter observacional, com carga horária de aproximadamente seis horas por semana, e que me permitiu contato e vínculo com a instituição. O Camará fica na cidade de São Vicente, foi criada em 1997 por membros da sociedade civil, dentre eles, João¹, Lumena² e Viviane³.

¹ João Guilhermino da Franca; ² Lumena Celi Teixeira; ³ Viviane Gorgatti.

Na época, João e Viviane eram casados, e Viviane e Lumena trabalhavam juntas em um dos Núcleos de Apoio Psicossocial (NAPS) da cidade de Santos, desde 1994. João foi convidado a fazer uma intervenção em um abrigo da cidade para adequá-lo às exigências do ECA, e conforme indicação de Viviane, chamou Lumena para ajudá-lo. A preocupação dos dois, neste momento, era com aqueles que estavam no abrigo e completavam dezoito anos, e surge a ideia de algo como uma república para adolescentes egressos do abrigo. Assim, o Camará é fundado com as 33 pessoas necessárias, sendo seis delas membros da diretoria, conforme a legislação, e em parceria com o fórum da cidade, os casos mais graves de adolescentes eram encaminhados para lá. A proposta da instituição é a promoção e o fortalecimento da democracia participativa, e isso se dá de diferentes modos, envolvendo crianças, adolescentes, jovens, famílias e comunidades, fora de um contexto assistencialista, ao contrário: parte-se do princípio de que sujeitos são capazes de ter responsabilidades, por suas escolhas, vidas e ações. Já neste primeiro momento, surge a iniciativa por parte dos jovens de montar um grupo de teatro. É interessante: a ONG ainda não tinha casa, mas já tinha um grupo de teatro, que foi a primeira atividade da instituição. Outra atividade forte, já nessa época, foi o trabalho contra a exploração sexual em uma perspectiva participativa, e para isso um recurso utilizado era a dança – havia um professor de dança africana na equipe nestes tempos. O grupo de meninas da dança, nesta época, identificou-se fortemente com a novela “O Clone”, que estava em sua primeira exibição em canal aberto. A partir daí, surgiu a

² Lumena Celi Teixeira;

³ Viviane Gorgatti.

vontade de aprender dança-do-ventre. Tanto o grupo de teatro quanto o de dança tiveram vários momentos, altos e baixos, mas nunca até então tinham deixado de existir.

Inicialmente, minha proposta de estágio envolvia intervenção com meninas em situação de vulnerabilidade social através da arte. Ao me inscrever, ingenuamente, pensei em pessoas marcadas por violências físicas concretas, realizando atividades com argila, mosaico, enfim, pensei concretamente e a partir do mais puro senso comum. Minha surpresa foi, no decorrer do ano, compreender de que arte estávamos falando ali, naquela instituição, com aquelas pessoas. São formas de uma arte das pequenas coisas, da cidadania, valorizar o outro de verdade. É uma arte de conviver, o que não é sempre fácil, a convivência precisa ser gestada em algumas vezes. É uma arte do saber *estar com*, *estar junto*, *ser parte* da vida do outro, e esse modo de ser artista ultrapassa o artesão ou o pintor, pois esbarra no inesperado, é ser um artista da vida em todos os seus aspectos. A compreensão dessas diferentes formas de fazer arte, tão minuciosas e de certa forma tão distantes daquela imaginada anteriormente por mim, ainda é algo que estou aprendendo, tanto a ver quanto a fazer. Essa arte da politização, da consciência, da vida em grupo e de ver os outros como pessoas únicas, enxergando suas potências e trabalhando formas de auxiliar em seu crescimento e transformação, que se mostrou algo incrível, extremamente necessário e digno de atenção por mais pessoas, por se tratar, acho eu, de um saber a ser difundido. Uma forma de arte política, que esbarra nos modos de organização da sociedade, da família, do governo, da educação. E que encontra dificuldades, de gestão, de compreensão, financeiras. Talvez seja uma arte de luta, todo dia, de batalha em batalha.

Atualmente a ONG passa por um momento complicado, diferente do que vivi enquanto estagiária. Enquanto estive lá, vi uma equipe grande, forte e coesa, com mais de dez membros. Hoje em dia, cinco pessoas tocam a instituição, e a falta de recursos financeiros é o principal motivo para que a equipe tenha se desmantelado. A ONG se mantém forte, como um marco na cidade na luta dos direitos de crianças e adolescentes, mas é com esforço individual que ela ainda resiste. São tempos de incerteza, de muito trabalho e de esforço, e a saúde da ONG não pode mais ser garantida. Neste sentido é que a ONG Camará está sofrendo com a precariedade, indicada anteriormente, de um modo de sustentação vinculado a projetos financiados que têm vida curta. A busca por recursos, através da candidatura a editais de financiamento, é constante, ano após ano, e cada vez tem menos resultados – a grande concorrência entre ONGs aumenta a competitividade por financiamento, e há de fato pouca contemplação; a ONG sobrevive com poucos recursos. Assim, o trabalho se torna precário, com baixas médias salariais e muito trabalho militante e voluntário. Ainda, a questão das trocas de partidos de governo neste ano de 2013 também influencia a vida e o bem-estar da ONG, em termos de relação com a rede e políticas públicas. Há oito anos, o mesmo partido político se mantinha na gestão, mas nas eleições de 2012, houve mudança para um partido diferente, e as possíveis mudanças geram insegurança e incerteza no cotidiano desta instituição.

c) Educadores Sociais e Arte-educadores atuando na ONG Camará

Na ONG Camará, existe um conceito fundamental da arte como mediadora da ação social, daí a ideia de que mais do que educadores sociais, os protagonistas destas ações são arte-educadores, pessoas sensíveis às artes da vida. A partir dos conceitos como os de educação popular de Paulo Freire (1988) e de uma clínica peripatética, de

Lancetti (2008), nomes trazidos de conversas como referenciais mas não traduzidos em livros e edições específicos, estes educadores atuam com populações de modo efetivo e interventivo, sempre tendo a arte como elemento de transformação e ressignificação. Essa atuação artística se dá, basicamente, através de grupos, como os de dança-do-ventre e teatro, já mencionados neste trabalho, cujos objetivos de intervenção são o corpo e suas infinitas possibilidades no mundo; de oficinas diversas, como de poesia, de máscaras, de trabalho com argila, de artesanato (tipo que vi de perto, enquanto estagiária), que valorizam a criatividade e o encontro dos presentes, a vivência do momento; e via participação política na cidade, com inserção de educadores e jovens em espaços públicos, tais como reunião de rede de saúde, reunião de conselho de gestão e outras participações politicamente democráticas, altamente valorizadas nesta ONG.

A história das oficinas surge, então, como um elemento de interesse, uma vez que sua origem esbarra em momentos históricos de segregação e em novas perspectivas do conceito de arte. Sobre tais oficinas, Lima (2004) indica que as oficinas de arte têm sido utilizadas, tanto em espaços na clínica como também em instituições sociais, como modo de inclusão de pessoas, suas diferentes linguagens e modos de expressão, em situação de vulnerabilidade social. A autora discute as relações entre arte e saúde mental, abordando modos de afetação à sensibilidade e à percepção, e sobre como os processos criativos estão implicados tanto na arte quanto na saúde. A partir de seu trabalho, foi possível pensar em práticas clínicas pautadas na criação, com espaços abertos para a produção, tanto de materiais artísticos quanto de subjetividade: há locais em que isso seja entendido como Laboratório, e outros de ateliê; no Brasil, essa é a descrição das oficinas. Assim, oficinas de arte se tornam espaços de aprendizagem, encontros, produção de

subjetividades, intercâmbio e ampliação das relações entre sujeitos e objetos no mundo. A arte, deste modo, favorece a percepção e sensibilidades nas relações humanas, principalmente, naquelas de cuidado.

Lima (2006) ainda propõe a compreensão de arte como experimentações estéticas que agenciam tintas, argila, máquina fotográfica, sons e movimentos a experiências-limite rejeitadas em alguma medida pela cultura, constituindo obras ou acontecimentos que podem atravessar a fronteira que separa produção cultural e clínica. Mas, mesmo quando não atravessam tal fronteira, encarnam uma experiência de criação sobre uma linha fronteira, em que a vida disputa com a doença, miséria e morte. Estes momentos, de certa forma, não podem ser reproduzidos, pois são momentos privilegiados em que arte, saúde, loucura e precariedade se reconectam, colocando limites à prova: arte e não-arte, arte e vida. Não são, então, produções que se utilizam de matéria e linguagem, mas produções de rupturas, com objetos criados na fronteira da arte que mobilizam a sensibilidade, produzem inquietação e colocam em movimento.

A autora (Idem, 2006) indica que a arte pode ser muitas coisas, mas é, antes, uma experiência da delicadeza. E a arte que se aborda aqui não é apenas a experimentação concreta do agenciamento de materiais, mas esta arte da delicadeza, vivida no limite entre arte e vida, arte e miséria, arte e pobreza, arte e desejo. Trata-se de marcar a possibilidade de expressão, de reconhecer a produção de processos criativos em sujeitos marcados pelo lugar de exclusão e marginalidade a que foram confinados por muito tempo pobres, loucos, artistas e suas obras.

Os dois arte-educadores que foram entrevistados para a construção das narrativas viveram uma trajetória de vários anos na instituição, assimilando hierarquias e atribuições, e durante o processo criativo deste trabalho, eram responsáveis por variadas atividades, desde administração e gestão da entidade até coordenação de oficinas, além dos grupos de teatro e dança-do-ventre. São, também, artistas de uma arte fronteiriça, essa arte da vida.

Contaremos um pouco da história de pessoas assim, artistas anônimos, artistas de bastidores. Falaremos de suas vidas, seus fazeres e amores, sua estratégia de existência num mundo em que, talvez, só tenha salvação pela beleza – não a física, dos belos corpos de acordo com padrões de beleza de nossos tempos, mas a da vida: vidas belas, vidas como obras de arte, dedicadas ao outro, que talvez salvem o mundo.

CAPÍTULO 2

ArteNarrativas

Neste trabalho, narramos histórias de vida singulares, marcadas por cenas, cores e vivências bastante pessoais e de significados mil. A fim de preservar a privacidade e historicidade deste casal, não utilizaremos seus nomes reais. Mais do que a pessoa, valemo-nos de suas ações, sua história e sua postura no mundo.

Ele

*“Eu ando pelo mundo prestando atenção
Em cores que eu não sei o nome
Cores de Almodóvar
Cores de Frida Kahlo, cores
Passeio pelo escuro
Eu presto muita atenção no que meu irmão ouve
E como uma segunda pele, um calo, uma casca,
Uma cápsula protetora
Ah! Eu quero chegar antes
Pra sinalizar o estar de cada coisa
Filtrar seus graus
Eu ando pelo mundo divertindo gente
Chorando ao telefone
E vendo doer a fome nos meninos que têm fome”
(Esquadros - Adriana Calcanhoto)*

Luzes, câmera, ação e mais ação. Ação é a palavra de ordem, é a palavra da vez. Estamos falando não de um filme, de uma cena ou de um roteiro, mas de uma vida que permeia o imprevisto e a intensidade. Uma vida real, que acontece não só nos bastidores ou na coxia, mas a todo tempo pulsa e se inventa. Vida de teatro, vida de ator, vida de artista, arte da vida. Vida que sai dos moldes, faz e acontece no jogo profundo que existe na relação com o outro, que somente conhece àqueles que se relacionam de verdade com os outros.

Falo aqui de um homem, mais do que de um artista. Por trás das minhas lentes, vejo alguém dedicado e comprometido. E tento, neste texto, testemunhar de um pouco que vi, e do muito que me encantou. Quero falar do belo que vi.

A história a ser contada aqui começa em 1983, o ano mundial das telecomunicações, segundo a ONU. Mesmo ano em que Xuxa fez sua estreia na TV, em que o Grêmio conquistou o campeonato Interclubes, e no qual Ayrton Senna e Nelson Piquet venceram corridas, em que Salvador Dalí concluiu seu último quadro e no qual faleceram Garrincha e Miró. Ano em que tomaram posse os primeiros governadores eleitos diretamente desde o golpe militar de 1964. Ano no qual nasceu a cantora Sandy, e em que foram lançadas as músicas Menina Veneno pelo cantor Ritchie e Billie Jean por Michael Jackson. Neste ano, nasceram as bandas Metallica, Capital Inicial, Titãs, Red Hot Chili Peppers e Raça Negra. Também é o ano em que Michael Jackson criou o famoso passo de dança “Moonwalk” e no qual faleceram Clara Nunes e Altemar Dutra. Ainda em 1983, em um 4 de outubro primaveril, nasceu nosso protagonista, na histórica cidade de São Vicente.

Mas sua história começa muito antes, e brinca com a história do país. Seu avô, pai de seu pai, era nada mais nada menos do que primo de Lampião. Em meio aos contos de aventuras da caatinga, seu pai deixou Pernambuco e veio parar em São Vicente, onde cresceu, se criou e começou a trabalhar na COSIPA, uma grande empresa da região, na qual ficou até aposentar-se. Sua mãe, por sua vez, veio fugida de Sergipe com quinze anos de idade para a cidade vicentina, deixando para trás uma vida de agressões em busca de um emprego prometido por uma amiga, que de fato não existiu. Aconteceu que seus pais se conheceram num acaso, desses que a vida apronta: o padrinho de nosso *herói*, que era

irmão de seu pai, casou com sua madrinha, que era tia de sua mãe. E sua mãe, vinda fugitivamente, foi morar na casa da família, e ali começa o namoro, que virou casamento e não resistiu ao tempo: brigas e mais brigas, nada de felicidade; a saída foi a separação.

Ele vem de uma família grande: a mãe tem cinco irmãos (um adotivo) e o pai tem três, e sendo filho do meio de pai nordestino, com quem cedo aprendeu o peso de uma mão, fosse por raiva ou por vontade, ele e os irmãos muito fizeram e mais ainda levaram. Seu pai é hoje aposentado, e a mãe, sempre dona de casa, faz bordados e é massagista, fez curso para esteticista.

Viveu a infância a meninar: o térreo daquele prédio vicentino tem muito o que contar, e o bairro Parque de São Vicente viu sua infância acontecer. Brincava na garagem, com os meninos de outros andares dali: dos quinze apartamentos do prédio, todos tinham crianças – era muita companhia e diversão. Mesmo em dias de chuva havia do que brincar, e o marujo-menino colocava seu barquinho a navegar nas poças d’água no meio-fio, em dúvida – entre um barquinho e outro – se queria cuidar de animais ou de apagar fogo. E a vida, tantas voltas deu, que nem veterinário, nem bombeiro, nem marujo, marcariam a trajetória de vida deste menino.

Cedo, começa a trabalhar. Tinha coisas pra comprar, de algum dinheiro precisava. Lavou ônibus, tomou conta de carros na rua, auxiliou uma senhora em suas atividades e tantas outras coisas fez que juntou o suficiente para comprar o uniforme, seu e de seu irmão, do time em que jogavam bola. Aprendeu, cedo assim, o que é responsabilidade, e por querer aprender, muitas outras coisas viu: foi também pedreiro e mecânico, tudo queria saber e tentar. E numa dessas voltas da vida, aos 17 anos, se une com outros

jovens para formar um grupo beneficente de teatro na Náutica, um conhecido bairro da cidade. Nessa época, também estava no Campsv, um programa que incentiva a inserção de jovens no mercado de trabalho no contraturno da escola. E com este grupo, conheceu muitas coisas: amizade, confusão, violência e uma instituição que se atrelaria fortemente à sua vida.

Na escola, encontrava modos de se divertir. Aprontava, brincava, ia para a diretoria. Gostava de matemática, e no colegial, teve uma professora em especial que o ensinou a gostar de português. Mesmo sem abrir o caderno durante as aulas, tirava boas notas, porque prestava atenção. Nunca colou dos colegas, já entregou mais de uma prova em branco, e lembra-se da boa relação que tinha com a maioria dos funcionários da escola.

Ainda do seu tempo de menino, traz na memória cenas de preconceito: num mercado, o segurança deu a entender que ele e seus colegas não teriam dinheiro para pagar suas compras. Já um pouco mais velho, vê um colega do seu lado ser tratado como bandido por ser negro, ao passo que ele é tratado como “cidadão de bem” por ser branco. Em ambas as situações, conta de suas posturas, de suas atitudes, sempre ativas: no mercado, enfrentou o segurança, mostrou o dinheiro, e ainda deu a dica - não deixe o bandido perceber que você está vigiando-o; com a polícia, disse que racismo é crime, e depois de três tapas, é liberado, e quando o policial diz para fechar a boca, ele responde ao policial que pense mais.

Aos 18 anos, conhece a ONG Camará, através do projeto EcologiCamará, cujo objetivo era a formação de monitores ambientais com ação direta nas escolas da cidade.

E neste projeto, com o acaso da vida que muitas vezes dá, começa sua trajetória no teatro. A primeira peça, da qual ele já assumiu a direção, foi *Sonho de Uma Noite de Verão*, e é com alguma emoção que a memória traz à tona tantas peças, enredos e atores que viriam depois desta. A partir daqui, a história do homem se mistura à do diretor e do ator e falar de um é falar do outro, numa composição que gerou peças e saberes nem sequer imaginados pelo menino que brincava com o barquinho de papel em dias de chuva.

No segundo ano deste mesmo projeto, o tema explorado foi o ambiente urbano, e as ações se concentraram em um outro bairro pobre da cidade, o Quarentenário. Ele, ainda na direção, aprofundou suas relações com a equipe e com a ONG, a ponto de, no processo de renovação do edital do projeto, assumir a responsabilidade e tornar-se parte da equipe Camará, enquanto elemento de participação juvenil.

Depois desse projeto, já em 2005, a ONG assumiu o projeto Pacto São Paulo no qual as peças encenadas foram fortes, extremas, abordando temas como violência familiar e sexual, e nas duas montagens feitas, houve muita mobilização tanto dos atores quanto da plateia. Esse foi um processo muito intenso em sua vida, deixou marcas e lembranças, e que permitiu um rápido e profundo amadurecimento do jovem-menino.

Depois desse roteiro, veio um desafio, proposto pela equipe: abordar os temas de violência doméstica e sexual sem usar a imagem de violência. E depois de conversas e mais conversas em grupo, surge uma ideia de texto, e essa parte de elaboração de pensamentos e construção coletiva é a mais difícil do teatro, a organização e criação. O início do raciocínio é partir do que não tem violência, como a infância. Numa análise das

músicas infantis tradicionais, como nana neném, boi da cara preta, sambalelê, atirei o pau no gato, entre outras, percebe-se que a violência está dita e verbalizada desde o nascimento. A peça abordou ainda as diferentes etapas da vida, em diferentes formas. A infância trouxe as músicas, cantadas no mesmo ritmo, mas com outros versos, a adolescência trouxe questionamentos sobre como seria um mundo sem violência, o papel do pai e da mãe, e muitos outros, e nessa hora, todos os atores usavam preto, para propositadamente se anular, e na vida adulta, marcada pelo amor, houve a representação de um beijo. Vale dizer, para concretizar o tamanho do trabalho e do empenho, que esse elenco contava com 20 pessoas.

Nesse processo, que durou alguns anos e no qual ele olhou para as diferenças, deu-lhes nome e trabalhou na construção de um texto com foco para a realidade, com uma linguagem diferente, acessível, com questionamentos para a sociedade, nasceu um educador. Na vida, com sua experiência, esse é o grande trabalho do educador: trabalhar em grupo, partir para a ação e promover sempre a habilidade de questionar. Um educador não nasce pronto, mas é formado, gestado, e na prática, se constrói enquanto trabalha na construção e formação do outro, numa reciprocidade mútua que atinge e é atingido, arrebatado.

Entre os anos 2004 e 2007, criou-se o teatro do Camará. A ideia era atuar no Quarentenário, mais um bairro pobre da cidade de São Vicente, e através do teatro, ter uma intervenção efetiva na comunidade, via linguagem e imagem. Essa época foi marcante, pois criou a possibilidade de mostrar para pessoas com uma vida difícil, de sofrimentos e angústias, que é possível mudar. Também foi marcante a grande importância do diálogo entre equipe e grupo, a troca de saberes, a articulação de

diferentes pontos de vista. E a implicação de ser educador é justamente esse olhar, atento e com expectativa para as pessoas, um olhar para quem ninguém olha, diferente do que todo mundo se nega a ver: enxergar as pessoas e seus sonhos. Ele sente falta disso no mundo, pensa que poucos são aqueles que estão dispostos a abrir mão do seu em prol do outro, deixar de lado sua vida no trabalho pelo social e pelo coletivo. Apesar de difícil e intenso, cada vez mais essa atitude é necessária.

Do Grupo de Teatro Camará projeto, poucas pessoas restaram, cerca de dez e, depois, apenas seis. Com frequentes faltas e dificuldade de espaço, o coletivo da equipe Camará optou por encerrar a atividade, no ano de 2012. Ele, enquanto educador deste grupo, sentiu fortemente a perda de um coletivo que outrora foi coeso e ativo, e mais uma vez, marcas ficaram. Era um grupo marcado por culpa, prostituição, violência e negligência, e o educador tornou-se referência, algo como um indicativo de possibilidade de sobrevivência, um ponto de esperança. Não que ele buscasse isso, mas sua postura e o coletivo o colocaram nesse lugar: ele tratava todos como iguais, sem diferenciar por qualquer maneira. Não havia coitados neste grupo, mas pessoas capazes, responsáveis.

Ele valoriza seu pensamento crítico sobre a vida. Busca formação, capacitação e estudo. No teatro, sua base é o que se conhece por Teatro do Oprimido, além de tantos outros autores já estudados pelo educador. Como coordenador de atividades de teatro, refere planejar suas atividades com objetivos determinados, e não respeita esse planejamento, mas sim acolhe a demanda do grupo e das singularidades de seus membros, variáveis à cada encontro. Desrespeita a organização para respeitar o sentimento e a vida, cuidar dos jovens que lhe demandam. Seu planejamento geralmente vai de um aquecimento para um relaxamento, antes da atividade planejada, e então

nesses momentos já é possível perceber como estão os jovens, e nesse momento o planejamento cai por terra, e o objetivo da atividade muda: busca valorização da vida e entrega, sentimento de importar-se, de estar vivo, e de fazer parte. Ele busca levar a pessoa ao fundo de suas entranhas, onde ela consegue, por algum tempo, se descontrolar e entrar em contato com a manifestação verdadeira dos seus sentimentos. Isso produz mudança, gera os mais variados efeitos. Seu objetivo, mais do que formar atores, é trabalhar com pessoas, e ele entende que esse é seu papel enquanto profissional do teatro.

É um homem de palavrões. Gosta de usá-los, entende sua função no mundo, e a composição histórico-política de construção de uma classe de palavras com objetivo de degradação e desvalorização. E entende que há momentos em que só cabe um palavrão, dito de boca cheia. Nada alcança a dimensão de significado que o palavrão pode, talvez, alcançar. Sua didática baseia-se em verdades: não cabe superficialidade, fazer de conta, ser o que não é. Cabe, por inteiro, a entrega e a partilha do todo. Um pouquinho, não. Durante a conversa, ao lembrar de seu gosto por palavrões, lembra da professora de português do ensino médio, que também os usava em algumas ocasiões.

Hoje o grupo de teatro Camará está desativado. Ao longo dos anos de sua prática como educador, mais de cento e cinquenta pessoas passaram por esta atividade, e cerca da metade chegou a ficar por algum tempo. De tudo, o importante foi conhecer essas pessoas, e o que motiva, é o sentimento de buscar algo novo, útil e bom. De certa forma, ele mesmo também não existe mais, porque a ONG está sem projetos e sem financiamentos. Há meses está sem salário, tem que trabalhar com teatro em outros lugares para encontrar sustento financeiro. Sua participação enquanto membro da

equipe Camará não está tão sólida quanto já foi: assim como os momentos de felicidade na vida acabam, já que são momentos, tudo na vida também acaba – amizades, relação, mesmo a vida. Sua relação com o Camará tende ao fim, pelo menos por enquanto. Não apenas por dinheiro, já que ele poderia estar em uma multinacional ou em alguma outra empresa, mas pessoas mudam, pensamentos mudam, diretrizes mudam. Hoje, há perda de sentido, desilusão e desânimo. Houve um tempo em que um grupo segurava a instituição, e o que vem acontecendo há alguns anos é bem diferente daquilo, não é significativo como já foi. Talvez o Camará seja uma fênix, e ressurja mais forte do que nunca, mas hoje existe um sentimento de tristeza por sua temporária ausência em algo tão importante para a cidade, para as pessoas. Ele torce para que quem ficar neste momento, que ponha para ferver, e por onde ele passar, levará o que já é seu. Não há certezas no futuro, quem sabe o que virá?! Existe vontade e desejo, conhecimento e experiência, e existe a chance de que tudo recomece, e que ele seja novamente parte importante nisso tudo. Memórias, sonhos, planos...

Para este homem, o teatro é uma ferramenta que infelizmente produz efeito. Ele sente o peso da dimensão do que faz, sente o tamanho de sua responsabilidade e não tem a pretensão de mudar vidas, não busca ser referência, no sentido de que prefere ficar nos bastidores, ser coadjuvante. Infelizmente, no sentido de ter tanta responsabilidade, de que esse papel que ele desempenha tenha que existir. Ele não quer mudar a vida de ninguém. Quer que os jovens existam por si mesmos, independente de qual seja o destino que tenham, para o bem e para o mal. Exemplo disso é a técnica da poesia do improviso, na qual se faz poesia improvisadamente, habilidade que os jovens aprendem e levam para a vida, se quiserem. Ele não fica com o papel de protetor, de

professor ou mestre, mas daquele que empurra, do apoio. Logo os meninos começam a compor sozinhos, andar sozinhos, e esse é uma das buscas que se faz.

Nosso educador sente o impacto do que faz, sente a força dos momentos e vive a cena no grupo e com o grupo. Ainda com seu pensamento crítico, compreende o tanto que existe por fazer e sempre existirá: enquanto a ONG se dedica à formar dois jovens, a televisão tem efeito com milhões. Ainda assim, quem passa pelo Camará não consegue ser como antes, fica de alguma forma, diferente. Pode até optar por trabalhar com outra coisa, em outra área, mas sempre será educador. É algo que gruda na alma, no que a pessoa é.

Sua vida tem sido uma grande mistura. Infância, adolescência e adulto tomam conta do que existe hoje. Não há como olhar para uma coisa descolada do todo: ao mesmo tempo que é educador, é homem, pai, companheiro, filho, cidadão. Todos estão ali, partilham a vivência que é ser uma pessoa inteira. Para ele, ser educador social marca uma luz no fundo da desesperança, como um ponto de partida no meio do caos, e ele quer ser parte disso, da semente de mudança que se pode plantar em cada pessoa.

No seu trajeto, a ONG tem um papel importante, por ter possibilitado o desenvolvimento desse pensamento crítico, mas não é responsável por isso. Ele aprendeu e desenvolveu seu pensamento, buscou estudar e compreender da sua maneira a existência humana. Inclusive, passou por várias religiões, buscando respostas – terreiro, católica, evangélica, sei sho noe, mas nunca encontrou nada que avançasse em seu pensamento de educador. Foi no espiritismo kardecista que algumas respostas apareceram. Hoje, acredita que está onde está por um motivo, e que a realização deste

destino move a pessoa, do mesmo modo que ser educador social o move. O Camará, desta forma, possibilitou novos olhares e novas perspectivas, o colocou em movimento, e hoje ele é o que viveu aqui, as respostas que encontrou para esse movimento, do Camará e da vida.

Para ele, a ONG Camará tem uma função na cidade de São Vicente, que é de humanizar a cidade, o que consegue fazer se tiver dinheiro, mas caso não o tenha, já consegue no mínimo uma provocação. Com 15 anos de existência, a ONG já conquistou respeito. Isso posto, no momento, utiliza energia e usa espaço para provocar, e assume papel de voz e corpo dos invisíveis, daqueles cujos direitos são violados, como um megafone que grita “Olhe! Olhe! Isso existe!” cidade afora. O objetivo do Camará não é, em absoluto, cumprir o papel do Estado, afinal, ele existe. Mas chamar a atenção para falhas e erros deste Estado, e cuidar do sofrimento daqueles que o Estado finge não ver.

Em um desejo utópico, um sonho seu seria o fim da ONG, quando num mundo em que não tenha porque a ONG existir, não ter maré contra a qual nadar. Ele fala de um lugar já conhecido, pois há anos convive com populações cujos direitos foram violados, e com jovens invisíveis. Ele não acredita nessa democracia que vivemos, e o sentimento que prevalece é a desesperança. Governo, hoje, é escola de bandido por causa do poder e dinheiro que tanto controlam, e forma representantes que não olham para essa população, burra e incapaz de agir. E ele faz uma proposta: instituir o salário-mínimo como gratificação por serviços de administração pública, como prefeitos, vereadores, senadores, presidente. E ciente do caos e revolta que tal situação poderia gerar, quer mais é que o circo pegue fogo, que a ordem social mude e que haja mudança.

Em sua vida, o teatro é uma ferramenta, uma arma engatilhada para provocar mudança. É o mundo de fantasia, é válvula de escape, em que é possível e permitido questionar o mundo sem medo, onde existe coragem para ser alguém. É a arte que coloca em movimento, e a forma em que aprendeu a mentir: num mundo de mentiras, ele precisou aprender a mentir para viver. Para ele, é possível viver uma vida sem teatro, mas também, sem o prazer de viver outros mundos. Em uma palavra, teatro são lágrimas, no sentido de ter contato com o sentimento num mundo em que não se presta atenção aos sentimentos. Todos são frios, distantes, e o teatro possibilita aproximação. A lágrima causa choque: quebra paredes, promove contato – não é só tristeza.

Se não fosse educador, seria uma ameba. Não seria o que é, nada sobraria. Isso se relaciona com o ensinamento espírita de predestinação, como um dom, que ele ouve e está atento. Qualquer outra coisa que fizer, já está na história, é parte do enredo, estava previsto. Então, são duas alternativas: ameba ou quem é hoje. Não só ele, mas vários da equipe Camará, e ele cita alguns colegas, se eles fossem contar a história dos excluídos, seriam parte dela. E o seu papel seria o de ser invisível, por não esperar reconhecimento, já que o fantástico de tudo é isso, não ser importante. Aqui, o importante é que cada um se valorize, cada um olhe para si mesmo, se questione, se conheça, se entenda. Como anjos, os educadores acompanham esses jovens em sua caminhada até um ponto, momento em que eles se afastam sem serem percebidos. E os jovens caminham por si mesmos. Então, não há busca por holofotes, ou pelo brilho de estrela, nem por ser lembrado no tempo: as pessoas devem atribuir mudanças a si mesmas, não aos educadores. Aí reside a sua realização, nessa provocação de mudanças, objetivo do bom educador.

Um educador também sonha. E em seus sonhos, quem sabe um dia, todas as pessoas que passarem pelas atividades possam ser um pouco educador também, tenha o desejo de se importar com o outro. De certa forma, um dia ele vai saber o resultado de tudo isso, em seus filhos, quando crescerem e ele conseguir ver como eles são. Espera encontrar pessoas menos egoístas e mais atentas, afinal, a família é reflexo do que a gente faz. Hoje, ele se doa em grande parte do tempo, e isso gera um custo: ficar ausente de casa. É uma escolha, ele a faz ciente, mas nem por isso é uma escolha mais fácil. Diz que nunca foi pobre, sua família teve dinheiro, mas passou algumas necessidades. E do seu tempo de criança para hoje, acha que o mundo mudou para pior. De um tempo em que era possível ter uma infância muito boa, livre, passou-se para um tempo de violência, infelicidade: o mundo mudou, então a vida mudou. De certa forma, é uma infelicidade seus filhos estarem vivos neste tempo, tão violento, que não lhes dá espaço para exercitar a liberdade, para ser feliz, para brincar como ele brincou. Ao mesmo tempo, é uma situação “confortável”: a desgraça está em todo lugar, não só em sua cidade. A ambição de hoje é ganhar dinheiro, algo que quer para as filhas: estudem e ganhem dinheiro, não quer que sigam seu caminho, devem ganhar bem, depois pensam no que fazer.

Hoje, cursa graduação de pedagogia em uma universidade da cidade de Santos. Ao falar de sua graduação, lembra mais uma vez daquela professora de português que despertou seu gosto por palavras. E nessa profissão, enquanto pedagogo, um sonho é grande: acabar com a estrutura horrível das escolas. Sem mais grades, portões e diálogo aberto com a comunidade, para provocar mudança.

Diante de mim, mais do que um homem, ou um diretor, ou mesmo um educador, existe um artista, mas de um tipo diferente. Não veremos quadros ou monumentos em seu legado. Não haverá uma obra arquitetônica inovadora, ou um CD de músicas inéditas. Talvez fiquem algumas peças e produções teatrais. Mas ainda assim, esse é um artista, do tipo que produz intensidades. Artista de opção e do pensamento. Artista da vida, que faz da sua vida um trabalho sempre inacabado, uma vida de intensidade e arte. Artista de emoção, de apego, de batalha. Artista de esquina, do sinal, do palco e do papel, artista da juventude e da criança. Artista aos sábados, domingos, feriados e férias, além dos dias de arte-trabalho-todo-dia. Artista invisível, mais (in)visível do que nunca. Artista de sangue quente e cabelão, artista de agenciamentos, opções e sentimento.

A obra deste artista não tem preço, nem está a venda. Mas pode ser copiada e distribuída sem custos de direitos autorais: é livre. Está disponível. Não apenas para uso próprio, mas para redistribuição. Apenas cabe um alerta, para o objetivo geral: esta é uma obra da vida, que não tem fim, mas é eterna. É destinada àqueles que se importam com o outro, com a desigualdade, a injustiça e o banal, e querem propor mudança, querem ser um foco de diferença. Como numa receita, os ingredientes são muita disposição, alguma boa vontade, todos os sentimentos verdadeiros, rios de entrega e um tanto de disponibilidade. Para com-feitar, afeto, mas sem miséria porque o assunto aqui é sério, e ninguém gosta de economizar em cobertura, já que é a melhor.

O show deste artista continua. Faça chuva ou faça sol, lá vai ele, pra onde a vida mandar, numa cena ou em outra, no palco ou na rua. Lá vai ele, olha lá. E o show vai continuar.

Ela

“(...)Só a bailarina que não tem
Medo de subir, gente
Medo de cair, gente
Medo de vertigem
Quem não tem”

(Chico Buarque e Edu Lobo, 1982)

“Até onde posso, vou deixando o melhor de mim.
Se alguém não viu, foi porque não me senti com o coração”

(Clarice Lispector)

Essa é uma história bem bonita, que me contaram e que agora eu que conto. É uma história de gente de verdade, de medo e de alegria, uma história pra ninguém botar defeito: tem amor, tem suspense e até um pouco de drama. Mas chega de detalhes, senão vai perder o clima - como bom narrador, não devo entregar tudo no primeiro parágrafo, cabe ao leitor descobrir e desvelar o que virá. Tudo começa na cidade de São Vicente, algum tempo atrás. São Vicente, pra quem não sabe, foi a primeira cidade do Brasil, onde os portugueses chegaram com suas caravelas... Mas nossa história não é tão antiga assim.

Nosso ano de partida é 1987. Ainda no século XX, esse foi o ano dos desabrigados, segundo a Organização Mundial das Nações Unidas, e foi o ano em que faleceram o grande dançarino Fred Astaire e o sociólogo Gilberto Freyre. Também foi o ano em que o mestre Carlos Drummond de Andrade deixou de escrever, de respirar e de existir, mas deixou também um legado e muita história, que não cabe aqui: a nossa história é outra, de outro artista.

Foi num primeiro de setembro primaveril que nosso protagonista veio ao mundo. E foi muito bem-vindo, aliás, bem-vinda: logo o bebê ganha um lindo nome, cujo significado que lê não esquece: “cheia de saúde”. Fruto da quarta gestação de sua mãe com o mesmo companheiro, sua mãe ainda engravidaria duas vezes de outros dois homens, de modo que nossa princesa é a quarta filha dentre os seis irmãos por parte de mãe. A soma não é pouca, mas tem explicação. Assim como sua avó teve nove filhos sem a presença presente de um companheiro que lhe acompanhasse, sua mãe gerou seus seis, nunca com um parceiro presente. A história se repete, faz e acontece, até que alguém faz diferente. Até que tudo muda.

Tanto seu pai quanto sua mãe nasceram na Baixada Santista. Do lado materno, sua avó nasceu em Portugal, gêmea de outra garotinha. Ainda crianças, as duas foram contrabandeadas, e posteriormente, separadas, e sua avó foi adotada informalmente por uma família, na qual sofreu vários tipos de abuso, entre eles, trabalho escravo e violência doméstica. Aos 14 anos, sua avó foge para ficar com seu avô, um homem casado. Durante toda a vida juntos, tiveram nove filhos, todos registrados no nome de seu avô com a esposa “legítima”, não de sua avó. Com tudo isso, sua avó sempre trabalhou em casas de família e restaurantes, nunca teve a oportunidade de estudar e não deu seu nome a nenhum dos filhos. Do lado paterno, uma das avós ainda viva, com quase cem anos de idade e de origem africana. Ao longo da vida teve pouca relação com a família do pai, ele e sua mãe se separaram, e o contato durante a infância se perdeu. Hoje eles mantêm alguma relação, seu pai tem cerca de 50 anos.

Depois da separação de seu pai, sua mãe teve um novo companheiro, que segundo nossa moça, quase estragou-lhes a vida. Esse homem era filho dos patrões

italianos de sua mãe, é pai do filho mais novo de sua mãe e se envolveu com drogas. Enquanto sua mãe saía para trabalhar, ele trancava seus filhos em casa, não permitia nem que fossem a escola, e usava as mais diversas substâncias. A irmã mais velha era trancada em um quarto com ele, e sofria todo tipo de abuso, todos os dias. Até que um dia sua mãe desconfiou, e confirmou sua desconfiança. Por algum tempo, este homem causou incômodos à família, chegando inclusive a incendiar sua casa. E depois disso, sua mãe ficou sozinha, para cuidar da casa e da família; foi garçoneiro, empregada doméstica, fez programas, chegou a ficar o mês fora de casa, e enquanto isso, os irmãos cuidavam uns dos outros.

Ela puxa pela memória alguns fatos de sua infância, e o que deixou marcas foi sua relação difícil com a mãe. Lembra sua ausência, do quanto trabalhara em busca de sustento para toda a família. Lembra com alguma dificuldade desse tempo, que não deixou saudade, mas permanece na memória, como um ensinamento. Lembra de precariedades: cultural, financeira, afetiva... lembra, com exatidão, do que não gostaria de repetir, do que buscou mudar. Tal mudança começou cedo: enquanto a mãe trabalhava e trabalhava um pouco mais, pouco tempo havia para cuidar dos filhos, dar atenção e carinho. E neste momento, eles encontraram uns aos outros, na troca mútua de afeto e cuidado que só sabe como é quem tem irmão. Nada é igual ter um irmão, ninguém entende que lugar é esse sem fazer parte dele. Assim eles cresceram, cuidando e sendo cuidada, sendo mãe e filha de seus irmãos. Nessa época, moravam em uma área desfavorecida de São Vicente, chamada de Área Continental (a cidade de São Vicente tem uma Área Insular e outra Continental; nesta época, a família morava no bairro Rio Branco), carente de políticas públicas, de conselho tutelar, de sistema de saúde... Lá

morou a vida toda, em várias casas, todas muito simples, às vezes de um só cômodo, ou em área de invasão – sempre pagando aluguel.

Aos oito anos, começa a ter problemas de saúde, e seu principal sintoma é pressão alta, decorrente de problemas de tireoide. Tal quadro persiste por algum tempo, e aos nove anos, a menina passa por uma internação hospitalar mais prolongada. Essa situação gera uma reviravolta na família, e a mãe fica mais atenta a seus filhos, tenta dar mais atenção – e não consegue. Mas a partir desse episódio, a mãe busca ajuda no serviço de atenção psicossocial da cidade, e leva seus filhos todos para receberem atendimentos também, e a família entra em atendimento. Esse processo de “atendimento familiar” leva alguns anos, e a garota, já com 12 anos, começa a ser atendida por psicólogo da rede de saúde e faz atendimentos com psiquiatra, chegando inclusive a tomar medicações. Na rede, indicam a ONG Camará como alternativa para o tratamento psicológico de menina, sendo um bom lugar para ela estar. E ela vai, procura a ONG. Mal sabia que sua história mudaria, que se misturaria à história do lugar, e que nessa confusão se encontraria.

Seu contato inicial com a ONG Camará acontece quando tem entre treze e catorze anos, no início de sua adolescência, talvez misturada na infância e já com vestígios de vida adulta. Na prática, as etapas da vida não são tão certinhas quanto pregam as teorias e leis, mas se misturam e se alternam, e quando se olha para trás, não é simples decifrar como as coisas acontecem. Ainda aos treze anos, grávida, faz suas sessões iniciais de atendimento psicológico com a psicóloga do Camará. Nesse ano de 2001, no qual viveu uma gravidez de risco, marcada por crises de pressão alta e momentos de internação, em novembro nasce a bebê. Cerca de um ano depois, sua imersão no Camará começa de

verdade, com participação assídua nas diversas oficinas da instituição, principalmente nas de dança do ventre e dança africana. Ela tem agora quinze anos.

De lá pra cá, muita coisa aconteceu. Haja água passar debaixo dessa ponte! De 2003 a 2007, ela viveu anos de ouro no Camará. A organização WCF financiava alguns projetos da ONG, que estava sob holofotes, atraindo inclusive atenção internacional – até a rainha da Suécia veio fazer uma visita. Eles faziam livros, conferências, escreviam projetos e obtinham financiamentos. Era um tempo muito movimentado, de muita ação, estudo e efetividade. Recebiam muitas doações, e tinham abrangência grande, eram continente de muita gente.

Mas cabe aqui um detalhe importante e pertinente, que transformou esta vida e compôs com nossa história. No trabalho com populações vulneráveis, o Camará faz mais do que dar conta da pessoa, alcançando também suas famílias, acompanhando e sendo local de suporte, de acolhida, não em tempo cronológico, mas em intensidade. Antes de sua entrada na ONG, uma das suas irmãs mais velhas passou a fazer parte do EcologiCamará (projeto de educação ambiental que formou jovens para serem multiplicadores em escolas da cidade; formou 30 jovens em 2 anos e depois, em escolas, atingiu 1800 pessoas), que abrangia um grande público na época, com foco no trabalho com meio ambiente em comunidades. A partir daí, sua frágil estrutura familiar entrou em atendimento pela ONG, e sua história passou a se confundir e se misturar com a trajetória da ONG. Foi um tempo de mudança e de transformação.

Ela afirma que o Camará lhe transformou a vida totalmente. A precariedade financeira ainda existe em sua família, mas está diferente. Há alguns anos atrás, sua mãe

começou a trabalhar como babá em Santos, para pessoas muito ricas. Ela dorme no trabalho e é babá quase que em tempo integral, mas agora tem um teto fixo e salário todo mês, o que lhe deu alguma estabilidade. Apesar de sua mãe não ter cuidado com presença dos filhos, ela cuida com presenças da criança do trabalho. Além disso, e é aqui que ela encontra algo que lhe é caro, a relação entre os seis irmãos é algo preservado por todos. Eles não brigam, mas se ajudam e se importam uns com os outros, mantém uma relação verdadeira e intensa. Uma de suas irmãs se formará esse ano no curso de Direito, e dentre os seis, nenhum deles “se perdeu na vida”. Hoje, sua mãe consegue exercer função de mãe, com presença e responsabilidade; anteriormente, o ambiente (físico, cultural, psíquico, financeiro) era desfavorecedor em seu exercício de maternagem.

A vida em São Vicente não é fácil de viver. É uma cidade cara, os aluguéis são caros, tudo tem um custo material, financeiro muito alto. E isso é um dos fatores que mais gera insegurança em seu dia-a-dia, ainda mais na vida como educadora social. Ela sempre preservou a independência em suas escolhas, e já aos quinze anos saiu de casa para morar com o pai de sua filha, com quem ficou até completar 18 anos, idade em que poderia alugar um espaço por si mesma - primeira coisa que fez após atingir a maioridade. E o Camará também influenciou nisso, pois foi a entidade que lhe deu apoio também financeiro. Em 2001 ela conheceu o Camará, em 2003 começou a fazer parte das atividades propostas pela ONG – entre esse tempo, ela viveu a gestação e os primeiros meses de maternidade, e em 2005 já assumiu um papel de monitoria em diversos projetos da ONG, com bolsa. Participa de processos de formação nos projetos, entende mais sobre como funciona a monitoria com bolsa, os esquemas de financiamento e se torna parte da equipe, inclusive como professora de dança do ventre. Começa também a

acompanhar a psicóloga da ONG nos casos com meninas em situação de exploração sexual, estuda Paulo Freire em suas publicações sobre educação popular e participa de supervisão e reuniões de equipe, até que em 2008, é nomeada educadora, pois desenvolvia ações autônomas, coordenava e escrevia projetos, participava de reuniões com o Conselho Municipal dos Direitos de Crianças e Adolescentes (CMDCA), do Pacto São Paulo e da organização do 3º Congresso Mundial de Combate a Violência e a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, algo que foi muito intenso em sua vida de educadora, uma vez que envolveu muita gente, de diferentes países, e houve um custo emocional para coordenar várias culturas, várias vontades e vários pontos de vista no trabalho com adolescentes e jovens.

Sua vida escolar foi complicada. Perdeu o primeiro ano do ensino fundamental por faltas, graças ao padrasto que a trancava em casa com as irmãs. Nos primeiros anos escolares, gostava da escola, mas tinha dificuldade em acompanhar. Sempre teve relacionamentos difíceis com colegas, de quem ouvia xingamentos e vivia agressões, não lembra bem de sua infância – não tem lembranças, nem de festas, nem de amizades.

No ano de 2007, Ela termina a escola, aos 19 anos, mesmo ano em que começa seu relacionamento com um outro educador do Camará que conhecia há seis anos (desde 2001). Continua como educadora na ONG, até que em 2009, começa a conciliar as atividades de educadora com o cursinho pré-vestibular. Ela busca estudo, conhecimento e certificação, já que sem certificação ela não comprova sua formação e conhecimento, e na concretude da vida, isso está implicado no ganho financeiro das pessoas. Neste mesmo ano, ao mesmo tempo em que concilia o cursinho e o Camará, engravida pela segunda vez. Mais uma menina chegará.

Ao longo da vida, sofreu preconceitos e violências. Foi uma criança negra, pobre e se sentia feia. Seu corpo amadureceu rapidamente, o que atraiu a atenção indesejada, exagerada e agressiva contrária a sua vontade e ao seu entendimento. Por anos, se fechou em si mesma, tornou-se feia: estava emocionalmente destruída. E foi em um processo seu, interno e de ressignificação, através da dança, que foi se entendendo, se levantando, reorganizando. Neste momento, a participação da psicóloga e da equipe da ONG foi fundamental. Mais do que um apoio ou um porto seguro, essas pessoas novas em sua vida mostraram opções e alternativas até então impossíveis, acreditaram nessa moça. A psicóloga, aqui, foi suporte e sustentação para as mudanças que viriam a acontecer, e ainda hoje a relação entre as duas é importante: juntas, elas trabalham em projetos e comunidades encontrando histórias que se repetem, e como nossa artista foi um dia enxergada, elas andam por São Vicente enxergando outras pessoas. São olhos atentos.

Hoje vive seu melhor momento em questões financeiras. Mesmo tendo sempre o Camará como parte de sua renda, começou a trabalhar logo: com dez anos, tomava conta de crianças, com onze, trabalhava em casa de família ganhando cerca de dez reais por semana ou em fábrica de bolsa, ganhando cerca de três reais por bolsa. Nesta época sua primeira filha nasceu.

Atualmente, no ano de 2012, poucas pessoas são responsáveis pela gestão da instituição Camará, de modo que a coordenação da mesma é partilhada. A condição financeira é frágil, poucos projetos estão sendo financiados, então poucos funcionários têm sua remuneração garantida. Ao todo, são cinco pessoas que trabalham efetiva e ativamente, e assim o trabalho por pessoa é grande, há muita produção. Há dificuldade

material, mas não de compreensão, eles entendem e discutem a situação que estão vivendo, e ela se sente cada vez mais educadora, pois tem se dedicado por inteiro e num grau crescente com as responsabilidades da organização. Por ser autônoma, não tem chefe ou superiores, é responsável por mais coisas além de si mesma, tem muito o que fazer e entender para dar conta da gestão da ONG. É na verdade um grande embate, que ela se esforça para organizar: de um lado, a liberdade de trabalho, as escolhas éticas, prazerosas e políticas. De outro, o trabalho em equipe, a busca por um consenso e o trabalho de consolidar fazeres baseados em opiniões muitas vezes divergentes, como uma liberdade consciente, no sentido de que é livre dentro de algo maior, seja a política, o governo ou a equipe, dentro de um coletivo. Não é fácil, essa administração dos desejos e da liberdade com a personalidade de cada um, é preciso articular respeito, responsabilidade e autonomia. Desta forma, uma organização com ações em vários níveis da sociedade civil se constrói, e constrói educadores sensíveis para a prática com populações singulares em momentos singulares.

Ela enxerga sua vida numa composição com a organização do Camará. Em 2003, quando começou a dança do ventre, passou a fazer parte de algo maior, quando no acompanhamento de meninas em situação de exploração sexual. A ação de trabalho era intensa, com objetivo de sensibilizar, mostrar possibilidades para além do corpo objeto, mais do que o senso comum.

Quando perguntada sobre a importância do Camará para a cidade, sem oscilar, sua resposta é “fundamental”. O Camará permite a participação livre nos espaços da cidade. Existem várias ONGs que trabalham com público, mesmo tema do Camará, mas a grande diferença é a forma: dentro dessa instituição, mais do que informação, a pessoa

encontra algo para levar para a vida, algo diferente daquilo comum, que não faz diferença de verdade. Ela mesma, veio buscando dança, e encontrou algo que a formou para a vida. O Camará dá existência para quem nem sempre sabe que existe. E é com este trabalho, comprometido e eficaz, que a cidade passou a admirar e respeitar a ONG, que já está inserida nas políticas públicas, faz parceria com os diversos setores da cidade. Ela diz que a cidade gosta e admira o trabalho que o Camará faz, mas não está disposta a executá-lo, essa atitude incomum e única dentro da política de São Vicente.

Em termos políticos, o Camará vive um momento complicado. Quanto a política partidária, nas eleições municipais deste ano, houve mudança de gestão. O partido que há oito anos estava no governo perdeu para a oposição, o que gera incerteza na condição de trabalho e nas políticas públicas até então estabelecidas na cidade. É um sentimento de receio e ameaça. Ela é bastante crítica quando o assunto é política. Pensa no quanto é diferente o papel da realidade, dizendo que segundo a constituição, o povo brasileiro é protegido, mas que isso não é o que acontece na prática. A política presidencial do PT, que começa com Lula e continua com Dilma, melhorou as coisas no sentido de evoluir a massa, o todo, mas que quando se olha de perto, nota que os problemas continuam. Ela avança seu pensamento: São Vicente é uma cidade do sudeste do Brasil, fica no estado de São Paulo, que é rico e desenvolvido. Faz vizinhança com Santos e Cubatão, cidades valorizadas no Estado. E ainda tem bairros com 80% da população analfabeta (segundo ela). Diante de tudo isso, ela se pergunta, para quem o país está crescendo?

Quando o assunto é arte, nossa educadora é elegante. Para ela, existe uma parede fúnebre na vida das pessoas, que é como um divisor de águas. Numa vida dura e difícil, é essa parede que nos separa das coisas boas que permeiam o mundo, mas que não temos

acesso facilmente. A arte é uma fresta nessa parede, te coloca do outro lado. Para ela, a vida é arte, é confusão, bonito, criação, envolvimento, escolha e tensões, tudo misturado. É a viagem, falar de outro lugar. É estar em um lugar mas querer estar em outro, longe e complicado é o caminho entre esses lugares, acessível somente pela arte, que permite uma passagem suave e indolor. Em sua vida, a dança é a arte escolhida. Como uma terapia, a deixa mais leve, é expressão sem palavras. Numa situação difícil e cruel, que machuca, em muitos momentos não é preciso falar, mas buscar mais calma e tranquilidade para resistir ao formato que a vida nos coloca, sem que possamos escolher.

A dança tem impacto físico: diminui o risco de problemas ginecológicos, aumenta auto-estima e muda a forma do corpo. Permite que a boniteza interior aflore, grite, e que a pessoa se sinta bonita, valorizada, capaz de fazer por si mesma e de desenvolver sua auto-consciência, crítica e segurança. Todo o subjetivo é valorizado, segundo a educadora que atua nesta área, e que conhece na pele os efeitos de que falou.

Como educadora na dança do ventre, ela é a pessoa que escuta e que tem o respeito e admiração do grupo de meninas que coordena. Pensa que assumiu esse papel, de confiança para as meninas, por ser delicada e questionar condutas do grupo. Nota, mais uma vez e em mais um espaço, o efeito de mudança do Camará, no qual meninas da dança formam um grupo coeso, efetivo e atingem o objetivo de produzir arte e boniteza interior afluída. Em sua memória, todos aqueles que passaram pelo Camará sentem saudade e vontade de voltar. Algumas são mães, outros fizeram faculdade, outros estão trabalhando. Mas todos ficaram com uma marca, deixada pela ONG, e como a arte é um dos métodos de agir da instituição, se torna acessível para todos, e por outro lado, acessa inclusive os invisíveis, aqueles de quem pouco se espera.

Para ela, com seus anos de experiência, o Camará muda vidas de pessoas e de famílias, muda sua trajetória e seu jeito de viver no mundo, justamente por causa da sensibilidade de seus educadores, atentos para o outro, para uma relação verdadeira com o outro, seja quem ele for. E nesse sentido, ser educador social é exatamente isso: entrar numa relação com o outro e vivenciar essa relação por inteiro, sem um momento ou condições estabelecidas. Quando se é educador, é em tempo integral que educa e é educado, como um estilo de vida ou uma crença. É preciso estar disponível para vivenciar a magia de tal situação. Já o tornar-se educador, na sua vida, foi composto por dois momentos, um interno e outro de fora. Internamente, chega um momento em que suas ações caminham no sentido da relação com o outro, você assume um papel que o coloca como educador. É um momento que chega conforme o tempo passa e as ações são feitas, como que depois uma preparação. Já o momento de fora é aquele quando as pessoas te reconhecem enquanto educador, quando você assume compromissos e responsabilidades dentro de um coletivo, com papel definido.

Mesmo com alma e jeito para ser educadora social, o seu sonho é outro. Nesse sonho, a educadora dá lugar para a bailarina, que muito dedicada, viveria eternidades nas apresentações. Nessa vida de fantasia, algum tempo depois a bailarina dá lugar à coreógrafa, que também tem uma companhia de dança. Na vida real, um sonho seria ter uma escola de dança, mas diferente do comum. Seria um espaço com muitas salas e diferentes estilos, bem aberto e colorido, livre, cheio de gente, todos em contato com seu corpo no modo que lhes convier. De certo modo, a educadora é também bailarina. Não como aquela descrita por Chico Buarque e Edu Lobo em 1982, na Ciranda da Bailarina, que não tinha problemas, coceira, piolho ou casca de ferida. Na vida real, ela convive com

seus próprios dilemas, que não são poucos, mas compreende a possibilidade do trabalho que faz e assume um compromisso social de construção de cidadania e respeito pelo outro. Não uma bailarina de sapatilhas, mas de atitudes, talvez uma bailarina às avessas, dedicada também à dança, mas ainda à sua família e à muitas outras coisas, como numa coreografia maluca que mistura vários ritmos. Sem cansar, toma às rédeas de sua vida e trabalha para a transformação do mundo, do seu próprio e para o outro. Falar da história do Camará é falar da sua história, é falar de sonho e luta. É falar como espectadora de algo tão verdadeiro, de uma batalha com perdas e ganhos, danos e música, arte e vida, e com gratidão pela oportunidade de estar por perto e vivenciar, nas palavras dela ou no convívio pela casa colorida, com algo maior que se busca construir.

E essa história não termina aqui. Nossa bailarina tem muito o que fazer, há muito ainda para bailar. Entre os vestibulares que tem prestado, talvez para ser Terapeuta Ocupacional ou Educadora Física, ela é mãe, companheira, filha, irmã e educadora, funções que executa com a maestria de artista, com delicadeza e determinação. Me coloco ao lado de Chico e de Edu Lobo, pois esta foi a ciranda da minha bailarina, e meu trabalho de narrador foi de contar sobre a arte desta vida, obra em construção, música-poesia da vida real. Uma bailarina-flor nasceu no asfalto. Viva a Poesia dos Gestos!

Análise: ArteNarrativas em Debate

a) Encontros e experiência

A ideia e o desejo deste trabalho, como já dito, surgiram na prática de um estágio de quarto ano de graduação em Psicologia, momento em que me encantei por práticas que até então eram estranhas em minha formação, daí o interesse em desenvolver este projeto em tal área. Entretanto, a ideia de construir narrativas de memórias de vidas tem uma origem anterior, datam do segundo ano de graduação, época em que os alunos cursam um módulo denominado Trabalho em Saúde e, separados em duplas ou trios com integrantes de diferentes cursos (além de Psicologia, encontra-se Educação Física, Serviço Social, Nutrição, Terapia Ocupacional e Fisioterapia no *campus* Baixada Santista desta Universidade), os alunos acompanham durante o semestre um caso, do qual construirão a narrativa. Em minha experiência, numa parceria com uma colega da Nutrição, acompanhamos um casal durante o semestre, e começamos a fazer duas narrativas, que no caminhou tornou-se uma só. A senhora em questão era hipertensa e diabética, e tinha crenças diferenciadas sobre sua doença, não comia açúcar por causa da diabetes, mas adorava uma garapa. Já seu marido, no alto dos seus 93 anos, sempre se despedia de nós como se fosse a última vez que nos veria em sua casa. É uma experiência da qual me recordo com carinho, motivo pelo qual trago esta história para este trabalho. É parte, também, das minhas memórias de vida.

O contato com os arte-educadores em questão foi mais simples do que em minha experiência do segundo ano de graduação, apesar de nesta vez eu não ter uma colega da Nutrição para dividir e compartilhar. Conhecia os dois de uma convivência agradável do tempo de estágio. Ela, inicialmente, se mostrou receosa em participar, principalmente por não compreender com clareza os objetivos do trabalho, enquanto ele se mostrou satisfeito com o convite. Por outro lado, depois do início dos trabalhos, ela se mostrou mais aberta e comunicativa, desejosa de ouvidos, voz e vez, enquanto ele assumiu um papel mais fechado, menos dado ao enredo próprio do que às respostas de perguntas. Interessante foi ver mudanças acontecerem: ela encantou-se em participar, e ele também, e juntos fizemos coesão. Nos encontramos três vezes, em momentos diferentes, e tendo eu uma postura ativa neste processo, na qual não apenas escuto mas passo a ser parte da história, entramos em algum tipo de sintonia, trocamos experiências e construímos juntos as conversas que originaram o produto que aqui se materializa. A análise do que se fez não tem objetivo de definir acertos e erros, isso não existe na obra de arte que é a vida humana a partir do referencial que se escolheu utilizar, mas ponderar diante do arcabouço teórico construído, aquilo que se encontrou.

Manifesto aqui, como farei sempre que puder, meus agradecimentos a esses artistas que me emprestaram cenas e memórias de suas vidas.

b) Debate

Dois temas foram pertinentes na elaboração, construção e elaboração deste projeto, agora já pesquisa executada. Desde o início da costura da colcha até os arremates finais, em cada ponto e em cada dobra, da apresentação aos capítulos

passando pelos objetivos gerais e específicos, havia esses dois temas de fundo: sensibilidade e transformação.

Esses temas, isolados, não são tradicionais áreas de pesquisa em saúde, nem esboçam o todo que se quer dizer aqui: o trabalho a se costurar foi a composição entre os dois, o elo a se formar quando sensibilidade e transformação encontram arte e vida.

As narrativas que compõem este trabalho de conclusão de curso se baseiam nestes dois temas, dois pilares. Na vida de cada um dos educadores, há muita sensibilidade, mas de diferentes formas. Ainda que ambos tenham desenvolvido um olhar sensível, atento, rico e caro àqueles que os rodeiam, o fazem distintamente: ele é mais político e mais explosivo, seu olhar atento não é delicado ou socialmente correto, mas preocupado com a verdade do que acontece, com a verdade da relação que se instala, comprometido com o aqui e agora. É, então, um olhar que varia minuto a minuto, generoso por excelência quando considera todos iguais. Quando educador da ONG, na área de teatro, esse olhar sensível encontrou possibilidades nos adolescentes e jovens invisíveis para si mesmos por muito tempo até então. O exercício em questão é o olhar no sentido de prestar atenção ao outro e ser continente de suas demandas, quaisquer que sejam elas; a partir desta sensibilidade no olhar, parte-se para a ação. Ela, por sua vez, desenvolveu sua sensibilidade no olhar, atento, sensível e comprometido, e também no fazer: seu grupo de dança-do-ventre é um espaço de acolhimento e de confiança, de pertencimento. A sensibilidade aqui também está no toque, no abraço e na convivência, na quebrada do quadril e no gastar de chinelos cidade afora, espalhando Camará por São Vicente. A sensibilidade se concretiza e ganha corpos, caras e cores, e tem muito o que fazer: as lacunas de políticas públicas onde a ONG se insere são muitas. Pelos bairros da

cidade não predomina a garantia de direitos e qualidade de vida, e educadores trabalham na batalha por uma participação democrática da população, com a proteção de seus direitos adquiridos.

Sensibilidade e transformação podem caminhar juntos. Um grupo de teatro com um educador sensível que propõe atividades direcionadas ao momento de vida do grupo naquele dia em específico tem poder de mudança: produz afetação, coloca em movimento. Na construção das narrativas, tal educador contou cenas vividas no grupo que deixaram marcas, cenas de contato com intensidades díspares, nas quais a percepção do educador a respeito do astral (palavra utilizada durante a coleta de narrativa) do grupo no dia e sua prontidão em criar atividades dirigidas a isso, essa demanda, teve potencial de transformação. E são vários os relatos de jovens que passaram pelo grupo de teatro e, com algum tempo de permanência, mudaram de atitude de algum modo, seja na escola, no relacionamento familiar ou consigo mesmo, ou de outro jeito.

A dança também provoca mudança. Na vida da educadora, marcada por violências e negligências desde a infância, foi a arte favorecedora de transformação, transformação essa que acontece de dentro para fora. Esta modalidade de arte faz aflorar nas meninas a feminilidade e a estima, transforma também o sentimento, produz valor (não o valor capitalista de que falou-se em outro tempo; aqui fala-se de valor humano, do valor que damos uns aos outros, e que elas passam a dar à si mesmas); produz vida. A educadora, neste sentido, fala com propriedade daquilo que viveu na pele. Seu olhar, mais do que atento e treinado, é veterano: quando ela fala com as meninas, fala com seu passado, com sua história, e convoca sua memória a contar das transformações que viveu. Na troca de experiências que é a vida, o relato de superação e de transformação da realidade

contagia crianças e adolescentes, e mais uma vez, dá voz e visibilidade para quem nem sempre existe, quem não se sente parte deste todo complexo e desigual.

Os dois educadores que aqui contaram suas histórias foram formados na ONG. Explico-me melhor: ambos foram público-alvo das ações da instituição, e tornaram-se educadores a partir de suas trajetórias no Camará. Ele aproximou-se das ações da Entidade já adolescente, e sua vida não é marcada tanto por negligências ou pobreza, mas por posturas; sempre procurou manter um pensamento crítico e uma postura ativa na busca de direitos e de proteção desses direitos. Ela, por sua vez, chegou ao Camará aos treze anos, já grávida, e tendo vivido diversos tipos de violências ao longo da vida. Ambos encontraram no Camará um terreno fértil para o exercício do pensamento, se aprofundaram no estudo de grandes nomes nas áreas de educação, democracia e participação popular, e no tornar-se educador, ganharam a oportunidade de talvez transformar vidas, assim como a deles foi transformada. Na vida dele, a transformação foi mais sutil: sua fala traz memórias emocionantes das cenas que viveu, mas reitera um pensamento próprio que não se formou na ONG, mas era dele, apenas se desenvolveu. Com ela foi diferente: enxerga no Camará a guinada em sua vida; estar lá foi decisivo para que ela se tornasse o que é hoje. A partir daí, pode-se pensar na instituição como um espaço facilitador da formação de crianças, jovens e adolescentes. Assim como os educadores em pauta tiveram suas vidas tocadas ou transformadas pelas formas de arte que lá vivem, no caso o teatro e a dança, outros jovens podem desenvolver habilidades e entrar em contato com novas vivências. Não existe promessa: a ONG não se propõe a assumir um papel redentor, de livrar a cidade da pobreza e das injustiças, mas ao contrário, se pensa como um espaço de liberdade e responsabilidade, que convoca os

cidadãos para a ação. Vários jovens, durante o ano de estágio em que estive por perto, estavam sendo formados como educadores também, algo que acontece com o passar do tempo e com a aquisição de responsabilidades e autonomias. Permanece a expectativa que a ONG continue a ser um terreno fértil, no qual sujeitos se desenvolvam, assim como esses educadores se desenvolveram.

É certo que o trabalho destes educadores se apóia nos pilares de sensibilidade e transformação, mas ainda é um tipo de trabalho. Se foi escolhido por vontade, ou um acaso da vida, ou ainda a consequência de um vida toda na instituição, não vem ao caso: resta a reflexão sobre o modo como este trabalho, diferente daquele tipo maquínico descrito anteriormente, constrói vidas.

Os dois entrevistados falaram de liberdade. Ambos valorizam seu trabalho enquanto educadores, compreendem seu papel na vida dos outros e a responsabilidade que assumem, essa de transformar vidas. De fato, num plano ideal, com a consolidação de políticas públicas favoráveis e incentivo às populações de baixa renda, um sonho é a inexistência da ONG, por falta de necessidade: todas as crianças e adolescentes sairiam da situação de vulnerabilidade social, e a ONG, por falta de público, fecharia suas portas. Enquanto, entretanto, isso não acontece, os educadores permanecem em seus trabalhos, tão significativo trabalho.

Enquanto para uma parcela da população existem leis trabalhistas, há uma parte da população que vive à margem de toda forma de legislação, seja em trabalhos informais ou em trabalhos ilegais, ou ainda, no descumprimento de parte dessas leis trabalhistas. Estes educadores, aqui descritos como pessoas especiais por sua

sensibilidade e pelo potencial de transformação da vida de outros, não têm condições de trabalho asseguradas por lei. Ainda que exista liberdade, no sentido de trabalhar por algo em que se acredita, por escolher esta profissão e a forma como ela é executada, ou por qualquer outro motivo, também existe capturamento. São profissionais capturados: trabalham muito, e grande parte dessas horas-extras de trabalho não são pagas: é trabalho voluntário e militante; têm salários precários, que não permitem outra coisa além da reprodução de situações de vulnerabilidade dentro da casa dos educadores, a despeito da compreensão que os mesmos têm sobre exclusão e marginalidade – isso tudo, obviamente, quando os salários são pagos, situação nem sempre frequente. As ONGs brasileiras sofrem de falta de recursos e alta concorrência, o que reflete no trabalho e nas condições de vidas dos educadores Brasil afora (Borba e Lopes, 2010; Coraggio, 2000). Uma conclusão possível, então, é que estes educadores, disponíveis para a execução de um trabalho diferenciado, são também reféns de uma construção histórica de desigualdade, que também impede a execução deste trabalho diferenciado, como num ciclo de exploração do trabalho, desejo individual e miséria, em que o trabalho explorado se mascara de liberdade, e a miséria bate na porta de vez em quando. Sobra o esforço individual, de sujeitos que se colocam em rebelião contra aquilo que os incomoda, enquanto torcem para que seus filhos consigam uma situação financeira mais estável.

Ainda em termos de trabalho, esbarramos em termos de direitos: existe legislação trabalhista, e existe negligência de direitos. Todo trabalhador brasileiro tem direito a férias remuneradas, décimo terceiro salário, licença saúde, licença maternidade, carteira de trabalho assinada, fundo de garantia e, depois do cumprimento de tempo de serviço,

aposentadoria. Tais leis, protetoras do trabalhador brasileiro, estão em descumprimento para muitos educadores, mesma situação vivida pelos dois que aqui contaram suas histórias. Não há garantias nem cuidados, há precariedade. E alguma liberdade, mas não muita, uma vez que na ausência de condições materiais para o educador e sua família, mais uma vez o trabalhador volta a ser trabalhador em busca de emprego, conforme assinalou Forrester (1997). Não há, para estes educadores sociais, plano de carreira ou um contrato de trabalho, que especifique em que condições este trabalho acontecerá: predomina a instabilidade, apesar do reconhecimento e satisfação que tal trabalho oferta.

Outro tema forte na construção das narrativas foi a relação entre individual e coletivo. Uma das percepções possíveis de se apreender através das narrativas é que os educadores sociais deste trabalho possuem características próprias de cuidado e mobilização para os outros. Tais características, não necessariamente, são compartilhadas em um coletivo, não é comum que pessoas se disponham a ajudar umas às outras, com exceções. Apesar de suas situações de vida serem construídas em espaços coletivos, assim como eles mesmos foram, é no caráter singular do viver de cada um que reside a habilidade do educador social. Suas vidas, assim como todas, foram gestadas em um caldo cultural sólido que pouco incentiva a generosidade e o cuidado, ao contrário: valoriza ações individuais que incentivem a massa a se subordinar, ou seja, milhões jogam na loteria apesar do número de ganhadores ser sempre extremamente baixo; incentiva-se o estudo como forma de alcançar sucesso pessoal e profissional, embora seja senso comum que cada vez mais as escolas ensinam menos, e por aí vai. Através de ícones individuais, toda uma classe de pessoas é levada a sonhar, e enquanto o sonho não se

realiza, continua a rotina do trabalho, do pagamento de contas, da busca de mais um trabalho, de estudo e, para muitas pessoas, de fé. Nesses espaços coletivos, fortemente cristalizados, nasceram os educadores sociais das narrativas deste trabalho. Ele, morou em casa própria enquanto filho, e agora como pai, paga arduamente o aluguel. Ela, por sua vez, sempre sofreu para pagar aluguel, e percebe com clareza quanto custa viver – e custa caro. A vida desses sujeitos se baseia na busca por soluções e numa crença de fazer o certo, o justo; no mais, não é uma vida fácil, e é com dificuldade que as contas são pagas mês a mês.

Todos os trabalhos dos educadores, entretanto, não acontecem de forma isolada, mas dão continuidade à situação vivida pela ONG. Sendo uma entidade sem fins lucrativos e sem associação a partidos políticos, a receita da entidade é sempre contada, e grande parte dos educadores precisa de um segundo emprego para sobreviver financeiramente. A entidade, entretanto, já viveu melhor: houve tempos de fartura, que ficaram para a história. Ainda assim, sempre se priorizou o trabalho com arte, em diferentes modos: com materiais e linguagem, conforme apontado por Lima (2006), mas também através de equipamentos audiovisuais, internet, música e poesia, em grupos e oficinas. A arte, na vida destes educadores, é uma ferramenta de trabalho que favorece o acesso a sujeitos. Na vida da educadora, a ONG teve um papel de transformação através da arte e da sensibilidade, assim como ela própria se prontifica a, talvez, transformar vidas com sua arte, seu trabalho e sua sensibilidade.

Na vida da educadora, a psicóloga do Camará teve um papel fundamental. Foi através de uma política pública de apoio a ONG que tal profissional, funcionária pública municipal, foi cedida à instituição e começou uma trajetória de apoio à comunidade do

entorno da entidade. No encontro com a psicóloga, entrou uma adolescente em adiantada gestação, aos 13 anos, pobre e fragilizada. Deste contato, mais de dez anos depois, existe uma educadora sensível e atenta, que mobiliza os lugares por onde passa. De fato, tal política pública de incentivo ao trabalho do psicólogo fora da área de saúde em termos mais restritivos, até então entendidos como no interior de instituições de saúde e unidades de atendimento, foi um fator que potencializou vida, e essa compreensão do papel do profissional de psicologia na comunidade representa, a priori, um avanço: liberta-o dos limites de uma clínica tradicional, particular e pouco acessível financeiramente, e ao mesmo tempo, o desafia com liberdade de ação e de pensamento. Resta que mais políticas neste sentido, de incentivo ao trabalho do profissional de psicologia com liberdade e autonomia, sejam legisladas, a fim de que o apoio e suporte oferecido por tais profissionais ganhem um aumento cada vez mais de dimensão e sentido: quanto mais apoio, mais possibilidades de mudança – mais sensibilidade no mundo e na vida, mais chances de vidas serem obras de arte.

Dois outros temas foram pertinentes nas narrativas: preconceito e maternagem. Em ambas as narrativas os assuntos são encontrados, mas na mulher, aparecem com mais intensidade. O arcabouço teórico produzido não alcançou esta dimensão da vida da educadora, mas ainda assim, se destaca para uma próxima oportunidade, a investigação de que cenas e construção de preconceito existem na vida de uma educadora social, assim como qual é o sentido da maternidade nestas vidas: se é grande o cuidado com o outro, como é com os filhos? Como criar um filho com um olhar sensível e transformador da realidade? Qual o significado da maternidade na vida de uma mulher que vem num crescente de superação da própria realidade? Aparece também uma questão de gênero,

na vida da educadora, em sua vida marcada por mudanças, principalmente em relação às mulheres mais velhas de sua família. Sua mãe e avó tiveram elementos comuns em suas histórias: muitos filhos, violência ao longo da vida, falta de um companheiro que exercitasse o papel de figura paterna, excesso de trabalho e consequente fragilidade na relação com os filhos.

Considerações Finais: Arremates da colcha

Este trabalho de conclusão de curso teve objetivos, gerais e específicos que subsidiaram o nosso caminho de pesquisa. No que se refere ao objetivo geral, o projeto visava *“narrar memórias de vida de dois educadores sociais da ONG Camará (São Vicente/SP), tendo como principal objetivo compreender em suas trajetórias de vida, quais, como e se existiram fatores que potencializaram a transformação de suas vidas e as suas escolhas de modo a produzirem a sua sensibilidade para o cuidado de sujeitos em situação de vulnerabilidade social”*. Sendo assim, narramos memórias de vida de dois educadores sociais da ONG Camará (São Vicente/SP): um rapaz (ELE) e uma moça (ELA), em busca da compreensão de que elementos em suas vidas despertaram o olhar e o cuidado com o outro, no caso, sujeitos em situação de vulnerabilidade social. Para ela, pudemos demonstrar que em sua vida o acolhimento da ONG Camará foi fundamental para despertar o olhar e o cuidado com o outro e consigo mesma, a ONG teve um papel de mediação entre ela e a transformação de sua vida; para ele, entretanto, a ONG e o grupo de teatro funcionaram como um disparador do pensamento, no sentido de que a vontade e a vocação já existentes passaram a ser trabalhados e aperfeiçoados. Neste caso, a ONG Camará se configurou em cenário também de acolhida, mas principalmente de possibilidades para expressar a concepção de cuidado que já vinha construindo ao longo da vida.

A construção do arcabouço teórico sobre trabalho, arte, histórico das ONGs e dos educadores sociais, que integram a parte inicial desta pesquisa, foi essencial para subsidiar a discussão que seria feita, e ainda, que ofereceu suporte às discussões sobre as articulações entre as dimensões individuais, coletivas e culturais.

Para seguir e analisar as trajetórias apresentadas nas narrativas, aproximamo-nos do como a história de vida desses sujeitos se construiu, e que memórias de vida foram e são significativas para eles, em relação à sua prática profissional, a fim de entender que elementos em suas vidas foram determinantes para colocá-los em um movimento contra-hegemônico, de modo a atuarem como transformadores de outras vidas como as suas próprias, eventualmente, foram alteradas por meio das atividades realizadas na ONG, da educação social e da arte.

Foi possível perceber que os dois narradores exercem a sua atividade profissional (por seu valor humano, pelo reconhecimento e valorização do outro), de modos bastante diferentes daqueles descritos na introdução desta pesquisa como trabalho alienado, automatizado e sem sentido. O trabalho que exercem, apesar de precarizado, confirma o compromisso social que assumem nas comunidades e contribui para o reconhecimento dessas ações. Foi preciso realizar uma reflexão crítica consonante com as memórias trazidas para as narrativas correlacionando-as com o cenário social e histórico em que se inserem e articulando-as em diálogo com os teóricos visitados ao longo da pesquisa, que constituem o arcabouço teórico construído, de modo que o tema “trabalho” se mostrou como um eixo principal de discussão.

Entretanto, a vida supera a imaginação, e nas narrativas surgiram assuntos que não se encontravam fortemente discutidos no arcabouço teórico, como preconceito, questões de gênero e maternidade – fica a pauta de discussão para uma próxima oportunidade. Identificamos de que modo a capacidade de criar e poder de transformação traçam barreiras tênues entre fatores individuais e não-individuais, no sentido de que a vida se tece no limite entre ações individuais, coletivas e aquelas que

ainda acontecem no cotidiano da ONG em questão, e de que modo o olhar sensível destes educadores se constitui como parte deles, de modo que suas ações educativas são, também, partes de sua vida, das pessoas que eles são em tempo integral, para além da profissão.

Permanece o desejo de que os dados produzidos neste Trabalho de Conclusão de Curso possam contribuir para a produção de Políticas Públicas que visem:

- 1) a valorização das ONGs comprometidas com a infância, adolescência e juventude;
- 2) a utilização da arte como mediação nos encontros com sujeitos em situação de vulnerabilidade social de modo a reconhecer e fortalecer formas de expressão livres de ser e viver;
- 3) o reconhecimento material e simbólico do trabalho executado pelos arteeducadores e educadores sociais;
- 4) o fortalecimento e a formação desta categoria profissional;
- 5) ações sociais que privilegiem a arte como mediadora na produção de uma racionalidade mais sensível às questões sociais e às diversas dimensões da vida;
- 6) a promoção de uma política cultural que ofereça espaços culturais, artísticos, educacionais e de formação para todos os sujeitos, independentemente de crença, raça, gênero e classe social.

Esperamos também que esta monografia contribua com pesquisas e com a produção de conhecimentos que se utilizam de narrativas de história de vida como recurso metodológico, como fonte infindável de informação, de valorização de vidas e do

despertar da sensibilidade do leitor: na atenção e no cuidado que ele construa em sua vida e em sua realidade.

Podemos afirmar que, para nós, durante a construção das narrativas, foi possível um encontro entre sujeito e sua prática, oportunidade de reflexão e crítica acerca de seu trabalho, há anos desenvolvido na batalha por alcançar formas críticas de agir no mundo. No momento do narrar, o narrador e aquele que o escuta entram em comunhão, e a história falada é relembrada, reeditada, ouvida e reescrita. Sai da memória e passa a ocupar papel, trazendo consigo sentimentos adormecidos pelo tempo. Desta forma, neste encontro, foi possível compreender parte da imensidão da vida destas pessoas, viver parte de suas memórias e pensar no modo como elas vivem seu trabalho, suas escolhas, seu cuidado, tão diferentes de um trabalho de máquina, automático e mecânico.

Concluimos este trabalho com a satisfação de artista de ver, não o dever cumprido, mas um prazer nascido.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, A. M. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. *Estud. av.* [online]. 1989, vol.3, n.7, pp. 170-182. ISSN 0103-4014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000300010>.
- BAUMAN, Z. Nós, os artistas da vida. In: A arte da Vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- BORBA, P. L. O.; LOPES, R. E. Organizações Não Governamentais, Jovens Pobres e Educadores Sociais nas Cidades. *Eccos Revista Científica*, 2010, vol. 12, n. 2, pp. 437-452.
- BOSI, E. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- CÂMARA, M. V. A. Corpo Livre e Democracia Do Trabalho. São Paulo: XX Jornada Reichiana do Instituto Sedes Sapientiae, 2007.
- CARRETEIRO, T. C. Sofrimentos sociais em debate. *Psicologia USP*, 2003.
- CASTELL, R. Da indigência à exclusão, a desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. São Paulo: Hucitec, 1993. p 21-48.
- CASTRO E SILVA, C. R. A amizade e a politização de redes sociais de suporte: reflexões com base em estudo de ONG/Aids na grande São Paulo. *Saude soc.* [online]. 2009, vol.18, n.4, pp. 721-732.
- CHAUÍ, M. O que é ideologia. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

- CORAGGIO, J. L. Desenvolvimento Humano e Educação: o papel das ONGs latino-americanas na iniciativa da educação para todos. São Paulo: Cortez, 2000.
- FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.
- FORRESTER, V. O horror econômico. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- FOUCAULT, M. Sobre a genealogia da ética: uma visão do trabalho em andamento. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org). Michel Foucault (1926-1984) - O Dossier - últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1984.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 1988.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HARVEY, D. O novo imperialismo: sobre rearranjos espaciotemporais e acumulação mediante despossessão. In: Margem esquerda – Ensaio Marxistas. São Paulo: Boitempo Editora, 2005.
- LANCETTI, A. Clínica peripatética. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2008.
- LIMA, Elizabeth A. Oficinas, Laboratórios, ateliês, Grupos de atividades: Dispositivos para uma clinica atravessada pela criação. In: COSTA, Clarice Moura e FIGUEIREDO, Ana Cristina. *Oficinas terapêuticas em saúde mental - sujeito, produção e cidadania*. Coleções IPUB. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2004, 59 - 81.

- LIMA, E. M. F. de A.. Por uma arte menor: ressonâncias entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade. *Interface (Botucatu)* [online]. 2006, vol.10, n.20, pp. 317-329. ISSN 1414-3283. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832006000200004>.
- LOPES, J. R. Terceiro setor: a organização das políticas sociais e a nova esfera pública. *São Paulo Perspec.* [online]. 2004, vol.18, n.3, pp. 57-66.
- MACHADO, E. M.; KYOSEN, R. O. Política e política social: Delimitação legal do preço da força de trabalho. Brasil: CPG/UEL, 1998.
- MARTINS, J. S. A sociedade vista do abismo. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- MARX, K. O capital. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.
- MONTANO, Carlos. Terceiro Setor e Questão Social. São Paulo: Cortez, 2002.
- ONOCKO CAMPOS, R. T.; FURTADO, J. P. Narrativas: utilização na pesquisa qualitativa em saúde. *Rev. Saúde Pública.* 2008.
- RAMOS, M. F.; ROMAN, A. Educadores Sociais: a importância da formação na implementação de tecnologias sociais. Brasília/DF : Fundação Banco do Brasil, 2011.
- SILVA, G. H. Educador social: uma identidade a caminho da profissionalização?. *Educ. Pesqui.* [online]. 2009, vol.35, n.3, pp. 479-493. ISSN 1517-9702. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022009000300005>.

- SOUZA, M. P. R; Teixeira, D. C. S e Silva, M. C. Y. G. Conselho tutelar: um novo instrumento social contra o fracasso escolar?. *Psicol. estud.*[online]. 2003, vol.8, n.1, pp. 131-142.
- Site Associação Brasileira de ONGs: <http://abong.org.br>, acessado em 02/10/2012.

ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Campus Baixada Santista

Trabalho de Conclusão de Curso: *Arte e vida: memórias em narrativas*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário(a) a participar **espontaneamente** da pesquisa: *Arte e vida: memórias em narrativas*, cuja orientação está sob responsabilidade da prof^a.Dr^a. Jaquelina Maria Imbrizi.

Este projeto tem como **objetivo** narrar memórias de vida de educadores sociais da ONG Camará (São Vicente/SP), a fim de compreender a relação que se construiu entre sua vida e sua prática profissional atenta e sensível, desenvolvida com populações em situação de vulnerabilidade social. Tal projeto se **Justifica** pela crescente ação de educadores sociais no terceiro setor, em composição com políticas públicas, com populações em situação de

vulnerabilidade social. Ainda, se justifica pelo compromisso da universidade com a comunidade e pela possibilidade de que narrativas venham a ser instrumentos de fortalecimento da discussão sobre a importância dos trabalhos desenvolvidos em ONGS que se posicionam como espaço de exercício e busca de garantia de direitos. Para realizar o projeto, adotamos o **método** qualitativo em pesquisa por meio da produção de duas narrativas de memórias de vida. Serão realizados encontros com cada educador social convidado a narrar sua trajetória de vida. A previsão é de que o encontro tenha duração de uma hora, em local a combinar com o participante, e o resultado desses encontros será sistematizado em diários de campo, a fim de fornecer as bases para a construção das narrativas. Depois de prontas, as narrativas serão tomadas como objeto de análise a partir dos referenciais teóricos sobre trabalho, arte e formação de educadores sociais. Ao final do processo, o participante receberá uma cópia da narrativa produzida, e será feita uma conversa sobre o que foi participar deste projeto e contar suas memórias, assim como sobre os encaminhamentos do projeto.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será divulgado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista e outra será fornecida a você.

No caso de haver qualquer desconforto provocado por procedimentos realizados na pesquisa, o sujeito poderá solicitar acompanhamento no Serviço Escola de Psicologia da UNIFESP Baixada Santista.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE:

Eu, _____ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. O (a)

professor(a) orientador(a) Jaquelina Maria Imbrizi certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Em caso de dúvidas poderei chamar a professora orientadora Jaquelina Maria Imbrizi no telefone (013) 3261-3320 ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo, no endereço: Rua Botucatu, 572, 1 andar, conjunto 14 - CEP:1-04023-900
Tel:(11)5571-1061/(11)5539-7162.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome	Assinatura do Participante	Data
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data

Assinatura do pesquisador Principal: _____

Jaquelina Maria Imbrizi